



# MESTRES E APRENDIZ: *perambulando por Ilhas de Resistência*

**Juliano César Petrovich Bezerra**

# MESTRES E APRENDIZ.

perambulando por Ilhas de Resistência



**Juliano César Petrovich Bezerra**

**MESTRES E APRENDIZ:  
perambulando por Ilhas de Resistência**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEd/UFRN), como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: **Profª.Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida**

2013  
Natal – RN  
Brasil

## **JULIANO CÉSAR PETROVICH BEZERRA**

Dissertação submetida Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEd/UFRN), como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEd/UFRN)

Presidente\*

---

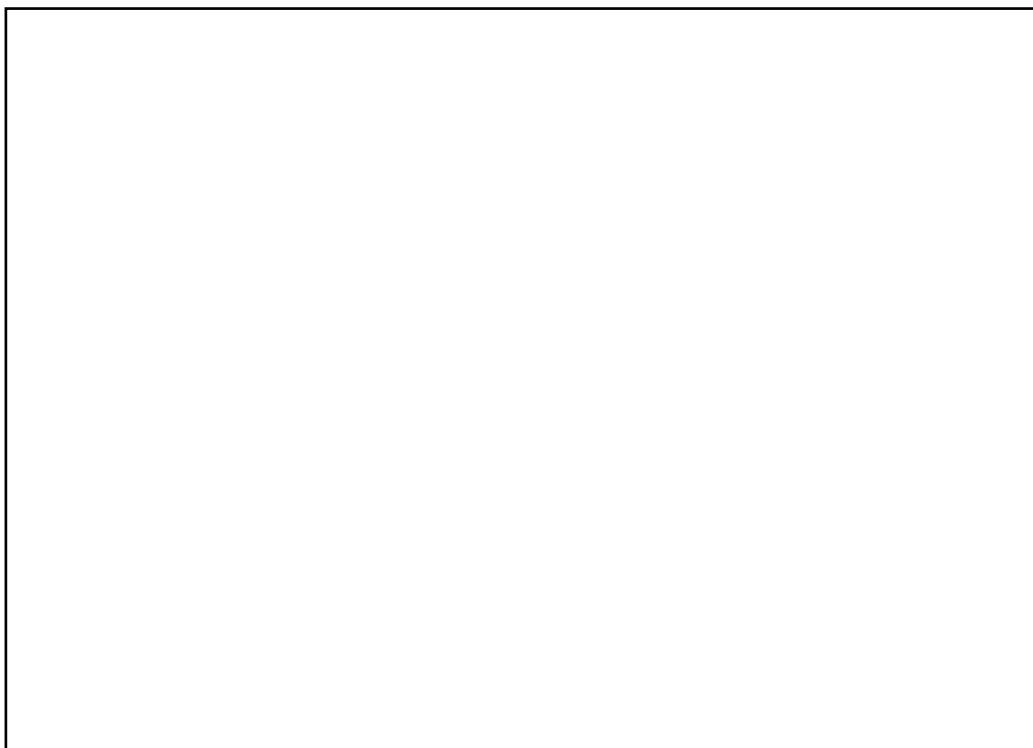
Profª. Dra. Josineide Silveira Oliveira  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Profª. Dra. Ana Lúcia Assunção Aragão  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Divisão de Serviços Técnicos

Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede



OBS.: Todas as fotografias apresentadas são de arquivo pessoal (com exceção de algumas cujo autor está identificado em sua legenda), tiradas e publicadas com o consentimento das pessoas mostradas.

A meu avô Enélio,  
que tanto ensinou e pediu para que eu escrevesse algumas de minhas viagens

A tudo e a todos,  
que acompanham ou cruzam meu caminho

À Natureza,  
que possibilitou este desejo se materializar

*“Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...  
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,  
Mas porque a amo, e amo-a por isso,  
Porque quem ama nunca sabe o que ama  
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...  
Amar é a eterna inocência,  
E a única inocência é não pensar...”*

(Fernando Pessoa – Alberto Caeiro)

*“Amor é um tema sobre o qual poderíamos fazer reflexões infindáveis.  
Mas poderíamos dizer, não para terminar mas para dar continuidade à nossa reflexão,  
que a educação para o amor significa preservar a ‘infância’ do homem,  
isto é, sua necessidade interior de crescer incessantemente”*

(Shakti Datta)

*“Vou aprendendo a viver  
E quanto mais eu vivo, mais serei aprendiz.”*

(Rubinho do Vale)

*“Apenas quero sentir o que Deus fala em nossos ouvidos  
com um simples soprar do vento”*

(Bob Marley)

*“Por vezes, sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar.  
Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”*

(Madre Teresa de Calcutá)

*“A Terra tem suas páginas: os caminhos.  
Você lê o livro, eu leio o chão”.*

(Mia Couto)

*“As culturas, enquanto núcleos de resistência à estandardização, incomodam”*

(Teresa Vergani)

## **SUMÁRIO**

Resumo .....	09
Abstract .....	10
<b>APRESENTANDO A JORNADA... .....</b>	<b>11</b>
<b>ARRUMANDO A BAGAGEM... DO CORAÇÃO E DAS IDÉIAS:</b> a padronização do/de ser e as Ilhas de Resistência .....	22
<b>Para onde segue a humanidade... e a Terra... .....</b>	<b>29</b>
<b>BEIRAMAR:</b> o rei do açaí de Dois Irmãos .....	35
<b>ENSINAMENTOS DO CAIPIRA GAÚCHO .....</b>	49
<b>NO VÔO DO BEIJA-FLOR .....</b>	60
<b>“NÃO À MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA” .....</b>	74
<b>BREVES CONTATOS, INTENSOS APRENDIZADOS .....</b>	101
<b>Retornando para casa e Manifestando...</b>	
<b>POR UMA RELIGAÇÃO COM A NOSSA ESSÊNCIA .....</b>	<b>121</b>
<b>Estopins de reflexão .....</b>	<b>125</b>

## **RESUMO**

Monocultura da mente... Essa idéia, apresentada por Vandana Shiva, reflete bem a fase em que temos vivido no mundo: uma noção de civilização que, desde algumas décadas, caracterizada por uma forte onda tecnocrática, tem-se mostrado dominante e hegemônica. Baseada numa padronização de pensar e agir, sentir e desejar, essa onda acaba implicando no que se pode chamar da crise no processo civilizatório da humanidade. Destruição de modos de vida mais simples e harmônicos com a natureza, relações humanas cada vez mais distantes, fragilização de valores, como o respeito, a bondade e o amor, são algumas das consequências dessa homogeneização comportamental. Observa-se, por outro lado, um arquipélago de resistência cultural e cognitiva frente a essa onda devastadora. Edgar Morin e Ceiça de Almeida fazem alusão a esse arquipélago referindo-se ao “Pensamento do Sul”, o que não se trata de uma questão meramente geográfica. Referem-se, pois, a alguns lugares, pessoas, ilhas que mantêm costumes e saberes antigos, passados oralmente ou pelo exemplo, dos mais velhos aos mais novos, ou vice-versa, num fluxo quase constante. Formas particulares de sentir o mundo ao seu redor, os homens, os animais, as plantas, as rochas, até seres não-viventes, mestres ou encantados, guias espirituais. Próxima a uma lógica do sensível, como propõe Claude Lévi-Strauss, essa leitura, postura mais atenta, observadora e sábia do meio, baseia-se no tocar, no cheirar, no comer, no ver, e, acrescento, no sentir. Diante disso, procuro discorrer acerca de certas experiências que tive o prazer de vivenciar em algumas dessas ilhas de resistências. Conversas, percepções, observações, sensações... Histórias, prosas, poesias, músicas, fotografias, desenhos... o que pudesse servir para retratar um pouco das reflexões e formas de se (auto)conhecer e produzir conhecimento, bem como de uma formação/Educação para a vida, foi bem utilizado nesta obra etnográfica. Espaço para a subjetividade e emoções tive/tenho/terei bastante... tudo para que o amigo leitor possa se sentir viajando pelo mundo da tradição, da resistência...

**Palavras-chave:** Padronização cultural; Resistência; Experiências vividas; Educação; Vida

## **ABSTRACT**

Monoculture of mind... This idea, presented by Vandana Shiva, reflects the phase that we have experienced in the world: a notion of civilization that, since many decades, characterized by a technocratic big trend, has been shown as dominant and hegemonic. Based on a thinking and acting, felling and whishing standardization, this wave ends implying in what can be called of humanity's crisis at civilizational process. Destruction of simpler and more harmonious lifestyles with nature, human relations increasingly distant, values brittlement, as respect, goodness and love, are some consequences of that behavioral homogenization. In the other hand, appears an archipelago of cultural and cognitive resistance against this devastating wave. Edgar Morin and Ceiça Almeida refer to this archipelago as a "South Thought", what is not just a geographic question. Report, therefore, to some places, peoples, island that keep ancient costumes and knowledge, orally transmitted, for instance, from elders to younger, or vice versa, in an almost constant flow. Particular ways of experiencing the world around themselves, the men, animals, plants, rocks, or even not alive beings, masters or enchanted, spiritual guides. Next to a logic of sensitive, as Claude Levi-Strauss proposes, this reading, which is a more attentive, observer and wiser posture of surroundings, is based on touching, smelling, eating, seeing, and, I would add, felling. In light of this, I try to expatiate about certain experiences that I had the pleasure of living in some of these islands of resistance. Talks, perceptions, observations, sensations... Stories, prose, poetries, music, photos, graphics... Whatever could serve to portray even a bit of the reflections and forms to understand (ourselves) and produce knowledge, such as from a formation/Education to life, was well used at this ethnographic work. Space to the subjectivity and emotions I had, have, and will have a lot... Everything for the dear reader may fell traveling around the world of tradition, resistance...

**Keywords:** Cultural standardization; Resistance; Lived experiences; Education; Life

## **APRESENTANDO A JORNADA...**

*“Minha vida é andar por este país, pra ver se um dia descanso feliz;  
Guardando as recordações, das terras onde passei,  
lembrando dos meus Sertões e dos amigos que lá deixei”*  
(Luiz Gonzaga)

De uns tempos pra cá, tenho acreditado em muitas coisas...  
Acredito no Ser Humano, na sua capacidade de mudança...  
Acredito no (re)equilíbrio da Vida na Terra...  
Acredito nas várias formas de saber, conhecer e divulgar...  
Acredito na “Mulher do tempo”, quando diz que vai fazer sol...  
Acredito em “Seu João”, quando diz que lá vem chuva...  
Acredito na Educação, enquanto Formação do Ser...  
Acredito numa Universidade diferente da que vemos/temos hoje...  
Acredito num “Diálogo Científico” aberto, que crê no imprevisível e dá espaço para a criatividade, a subjetividade e a emoção...  
Acredito nas Intuições...  
Acredito nas Energias...  
Acredito na Diversidade...  
Acredito na Resistência...  
Acredito no Amor...  
Acredito na Paz...  
Acredito no Respeito...  
Acredito no Sorriso e na Lágrima...  
Acredito no Sol quando se vai...  
Acredito na Lua quando vem...  
Acredito na Mãe Terra...  
Acredito nos Animais...  
Acredito nas Plantas...  
Acredito no Fogo, na Água, no Ar, na Terra...  
Acredito que tudo é passível de Mudanças...  
Acredito que tudo é possível de Mudanças...  
Acredito que até as minhas crenças de hoje podem mudar amanhã...

Acredito...

E por que estou revelando algumas de minhas crenças?! Simplesmente, porque acredito ainda que facilite o entendimento destes escritos, do que você terá a possibilidade de ler daqui pra frente.

Após cerca de oito anos na UFRN, com envolvimento em diversos projetos, programas de extensão, de pesquisa, no Movimento Estudantil, na graduação e no mestrado, muito eu me sentia descrente em relação à universidade e sua forma de “atuação”... vi-me obrigado a me dar umas férias dela após esse tempo. Embora ainda ligado a projetos (nos quais eu acreditava, e ainda acredito), fiquei um ano longe de algum outro curso. Tempo em que, chegando a seu fim, eu me vi questionando se voltaria para fazer um doutorado ou iria sair de vez... uma pergunta rondava sempre minha cabeça: “Será que na Universidade ainda existia algum lugar que pensasse diferente, se não tanto quanto eu desejava, mas pelo menos um pouco fora dos padrões acadêmicos atuais?”... foi quando tive acesso a um material de Ceiça Almeida e achei, no mínimo, inusitado. A resposta, então, veio a mim; resolvi fazer a seleção de um outro mestrado, agora na Educação, sob a orientação da tal professora... resumindo, passei na seleção e ingressei no programa, mais especificamente junto ao Grupo de Estudos em Complexidade – GRECOM.

A primeira vez em que fui ao local foi para fazer a entrevista do “exame”. Achei interessante, senti algo diferente, uma sensação de estar à vontade. Já lá adentrado, veio o primeiro “Dia de Estudos”, quando me encantei com um simples fato: antes do início, vinhos sobre a mesa, um brinde cordial. Algo que, para mim, já era uma quebra de padrão. Um momento de estudos e discussões deve ser prazeroso, leve e alegre. O cheiro de cigarros e incensos, as prateleiras com bons livros, as aulas com tapiocas, músicas e açaí, as valiosas conversas que, apesar de nem sempre seguirem no mesmo caminho, ge(ra)ram boas reflexões... o GRECOM é também um lugar que a mim dá um orgulho de falar que lá eu estava/estou aprendendo.

Mas eu confesso que ainda desconfiava se realmente era um espaço aberto ao novo. Assim, logo no primeiro semestre, resolvi fazer um teste e, no trabalho de uma disciplina, onde era para se fazer um “paper” sobre alguns temas vistos, à nossa escolha, optei por fazer uma espécie de poema/cordel, escrito durante uma viagem à Bahia, no tão esperado 11/11/11, o qual transcrevo:

## ESCREVENDO OS SABERES

Meu companheiro, dê licença  
Pr'eu contar uma história  
Vou falar de dois amigos:  
Meu caderno, minha memória

O momento é oportuno  
Sigo a jornada da alegria  
Sobrevoando o oceano  
Quando pisar, tô na Bahia

Vou folheando o primeiro  
Nomes antes desconhecidos  
A maioria é europeu  
Mas em Natal, já aparecidos

Todos os “novos” cientistas  
Têm um traço em comum  
Cada um da sua forma  
Pensam “O saber deve ser  
um”

A Ciência é discutida  
Intensamente questionada  
Seus valores e caminhos  
Por eles é repensada

O primeiro é Prigogine  
“Ciência, Razão e Paixão”  
O futuro está aberto  
Em constante Construção

Da Termodinâmica, o poeta  
Humanista por formação  
Introduziu novos conceitos  
Sobre tempo e bifurcação

Depois tem outro velhinho  
Este vindo lá da França  
Trata do caos no mundo,  
Mas também tem esperança

Morin com os Seis Métodos  
Sugere, pois, uma reforma  
Do pensar, da ética, da vida  
Seguir A Via é a norma

Depois vejo Lévi-Strauss  
Observando o que é constante  
Retrata sempre os padrões  
O que não muda um só  
instante

Como “astrônomo” analisou  
Do pensamento, a estrutura  
Viveu com índios brasileiros  
Bebendo, assim, noutra  
cultura

Ainda vejo Ceiça Almeida  
No Grecom ela dá nó  
Por muitos anos tem  
aprendido  
Com Chico Lucas e o Piató

Com ela sim vejo pulsar  
Um conhecer com o coração  
Fica clara a sua meta  
De unir Ciência e Tradição

E por falar em Tradição  
Lembro de outros professores  
Com pouco estudo ou nenhum  
Da vida, são doutores

Lendo sempre a Natureza  
O visível e o invisível  
Sentir, tocar, ver, cheirar  
É a Lógica do Sensível

Ativando minha memória  
Penso nalgum, uma  
senhorinha

Pra narrar é uma gigante  
Mas de tamanho é bem  
baixinha

Ati é muito amada  
Como ninguém, chama o sol  
Quando por isso perguntada  
Diz “Aprendi com minha vó”

Depois lembro dos senhores  
Lá da Ponta do Tubarão  
Ouvir sempre suas conversas  
Me trazia muita emoção

Tem também os agricultores  
Cujo palpite nunca erra  
Observam a natureza  
Pra saber lidar com a terra

Agora eu vou mais pra longe  
Lá pra Serra do Umã  
Onde o índio Atikum  
Pelo sol diz o amanhã

Da Serra ainda lembro  
Dum sábio, Seu Gracia  
Ensinando com humildade  
O Toré de cada guia

Em sua casa eu to em casa  
Uma família bem querida  
Penso eu cá em Dona Ana  
Guerreira da cura e da vida

Alguns lugares lá sagrados  
Pedra Montada e do Gentio  
Tem a Mata do Tambor  
Local tão forte, não se viu

O povão sabe de tudo  
Da Natureza e do seu tempo  
Vai passando tais saberes  
Também com muito  
sentimento

Se de todos eu falasse  
Nunca mais ia parar  
Pois tão diversa é a riqueza  
Desse saber popular

Cruzar o pensar é essencial  
Trocá saberes por osmose  
Pro avançar do conhecimento  
E se chegar à Metamorfose

Recursiva, dialógica  
Lembra até um holograma  
Essa é a Complexidade  
Pare e pense... sinta o drama

Agora, amigo, eu ressalto  
A simples/complexa beleza  
E também a importância  
Do homem se ver Natureza

Se assim for, tudo muda  
Como você, também mereço  
Viver num mundo de Paz  
E de Amor. Agradeço!

Apoio e reconhecimento foram logo demonstrados. Esse espaço estava aberto... vi que teria realmente a liberdade de pesquisar. Algo que eu tinha muito claro para mim era:

“Não quero um trabalho técnico, científico, nos moldes acadêmicos atuais; quero um trabalho de Juliano”. E isso, desde o início, me foi possibilitado, tanto por mim mesmo, que me permiti a isso, quanto por Ceiça.

Durante essa nossa breve (até agora) convivência, sei que muito partilhamos, em encontros, embora poucos, bastante ricos; uma orientação mágica, que me mostrou vários caminhos. Indicava-me leituras que vaziam despertar diversas idéias, crenças, que eu tenho em mim. Esse fato foi extremamente importante, pois eu vi que algumas pessoas, conhecidas mundialmente, pensavam, defendiam e publicavam o diferente, o fora do padrão, a necessidade de mudança no mundo e, especificamente, na Educação, na universidade. Além disso, percebi que eu tenho, todos nós temos, conhecimentos, formas de pensar e conhecer guardadas, adormecidas dentro de nós. Desse modo, fui construindo a pesquisa, que muito foi mudando ao longo dos meses. Além dessas leituras, obviamente, conversas, viagens, experiências, vivências, simples passagens: tudo isto contribuiu para tal construção.

Voltando a revelar outras crenças, posso dizer que acredito, ainda, numa Humanização. Na necessidade de humanização da saúde, da economia, da relação entre os homens (por mais estranho que pareça), e, até, da Ciência. E sobre esta última, a humanização no campo científico, eu me detenho mais um pouco.

A Ciência está associada a certos mitos, como a neutralidade e a objetividade do cientista em relação à sua pesquisa. No entanto, a frase “Tudo o que sabemos, sabemos por nossa experiência”, atribuída a Shrodinger, resume bem as posições contrárias a esses mitos mencionados. Penso que o próprio corpo faz parte do objeto em estudo, construído a partir das memórias do sujeito. Todo conhecimento é resultado de um longo processo cumulativo de experiências, emoções, sensações, valores, saberes, cultura e percepções. Por isso mesmo, concordo com a necessidade de “quebrar” essa impessoalidade na ciência, que provoca um distanciamento ético, extremamente grave, do pesquisador com o mundo; é importante que os sujeitos se sintam autores de suas narrativas, que realmente haja uma noção de pertencimento de seus saberes; reintroduzindo o sujeito no conhecimento e o conhecimento no sujeito.

Essas ideias gerais, para mim, pareciam bastante claras; no entanto, ainda precisava definir a forma como iria trabalhar este texto. Por gostar de ler, por acreditar que a literatura muito tem a nos ensinar, muitas vezes de uma forma mais leve e envolvente do que textos típicos de uma tecnociência fria e distante do homem, optei por contar histórias.

Tive alguns autores como base para minhas ideias. Primeiramente, como Daniel Munduruku, em *Banquete dos Deuses*, e Claude Lévi-Strauss, em *Tristes Trópicos*, resolvi que tentaria, em primeira pessoa, uma espécie de narrativa, transdisciplinar e de fácil leitura. Essa transdisciplinaridade, segundo nos mostra Ubiratan D'Ambrosio, é, em sua essência, transcultural, e tem como objetivo maior eliminar a arrogância, a inveja e a prepotência, adotando em seu lugar o respeito, a solidariedade, a cooperação. Acredito, pois, que a socialização e difusão da Ciência devam se constituir num imperativo ético, a fim de possibilitar o cumprimento da função social da ciência. Desde o início, portanto, minha intenção era produzir um trabalho que pudesse ser lido depois, não se transformasse em mais uma “produção acadêmica” esquecida nas prateleiras e estantes das bibliotecas universitárias, entregues a traças e poeiras. Conforme Paul Ricouer, um texto sem leitor é um não texto, só pegadas negras em uma folha em branco.

Charles Snow, em *As Duas Culturas*, aponta para a incapacidade interlocutória entre as artes e a ciência, o que promove um empobrecimento de ambas, sobretudo no que tange à elaboração de soluções aos problemas existenciais humanos, deixando-se escapar boas oportunidades nos campos do pensamento e da criação. Essa reintegração da ciência e da cultura também se destaca para Morin, quando, em *A cabeça bem-feita*, considera que a literatura e a poesia oferecem alimento à ciência, para estudar a alma humana.

Todas essas reflexões serviram de base para o presente estudo. Elas põem em causa o conjunto dos conceitos e modelos atuais, na medida em que viver hoje em dia depende de uma visão holística da realidade, sendo possibilitado e fomentado um reencontro entre ciência e humanismo, ética e conhecimento, e vida e idéias. Conforme Ceiça Almeida, em *Ciências da complexidade e Educação*, o diálogo entre as distintas áreas de especialidade, a aceitação do princípio da incerteza e complementaridade, a articulação entre ciência, arte e espiritualidade, redução do distanciamento entre universidade e sociedade, direito à informação por parte do cidadão comum, o exercício menos arrogante e esotérico da ciência, uma nova aliança entre cultura científica e cultura humanística, a convivência e a partilha com outros modos de experiência e compreensão do mundo e o exercício de valores como a solidariedade, a ética da compreensão e da responsabilidade são, entre outros, indícios e sintomas de uma ciência mais afinada com os desafios do século XXI. Desse modo, ainda de acordo com Ceiça, saber pensar bem é fazer do pensamento uma teia tecida de muitos conhecimentos, compreender o que eles têm de complementar entre si, de essencial, é necessário saber ler bem o mundo à nossa volta.

Vemos, todavia, a hegemonia da Ciência sobre outras formas de se conhecer e perceber o mundo, que são marginalizadas e negadas a todo instante. Tenhamos em mente que os saberes científicos são uma maneira de explicar os fenômenos, mas existem outros modos que se perdem no tempo e no anonimato porque não encontram espaços e oportunidades de expressão. Há uma tendência à uniformização de estratégias cognitivas.

Entretanto, distante desta unificação, a diversidade das culturas e saberes se constitui numa resistência importante à padronização do planeta em moldes ocidentais. Faz-se necessário, pois, manter ilhas de resistências à tal uniformização, a qual, necessariamente, implica em exclusões e perdas essenciais de multiplicidade e diversidade de saberes e fazeres, orientados por um permanente e atento diálogo com a natureza. Dessa maneira, torna-se imprescindível a prática de um conhecimento transdisciplinar, que produza pesquisas conjuntas da natureza e da imaginação, do universo e do homem, favoreça o intercâmbio entre saberes distintos e inaugure uma nova ética de conhecer e estar no mundo.

Então, escolhida a forma como iria ser escrito o texto, relacionadas algumas ideias centrais sobre a Ciência, que serviriam de base para o trabalho, fui chegando a certos pilares da temática do trabalho, que, como dito, vinham sendo construídos. Com a junção de peças do enorme quebra-cabeça do saber, do sentir e do desejar, eu imaginava o “como” escrever e o “por que” do trabalho, no entanto, faltava ainda o “o que” realmente tratar.

Viagens, aprendizados, conversas: essas ideias rondavam sempre a minha cabeça quando eu parava para pensar sobre isso. E justamente aí estava a resposta para o meu questionamento. No fim das contas, parece que havia tido todo o esclarecimento acerca do trabalho, o que realmente eu gostaria de fazer... ficou claro a mim que meu principal intuito seria repassar ao leitor válidas, ricas e sinceras formas de se produzir saber e conhecimento, de seguir numa trilha da Educação para a vida, construindo um caminho de experiências. Para tanto, iria retratar viagens que havia feito, conversas que havia tido, ensinamentos/aprendizados que havia partilhado. Situações que acredito (mais uma crença) contribuírem diretamente para a formação do Ser, para a minha formação.

Como bem afirma Mia Couto, em seu texto *O incendiador de caminhos*, ao descrever a existência do “homem visitador”, a nossa espécie foi nômade durante centenas de milhares de anos. Se aceitarmos que nascemos como subespécie há 250 mil anos, temos 12 mil anos de sedentarização para 240 mil de nomadismo, ou seja, em nossos genes, há um apetite pela viagem. Nos meus, não é diferente; sinto imenso prazer em viajar,

conhecer pessoas, lugares e novas situações. Durante tais experiências, muitas trocas acontecem, de vivências, de saberes, de emoções. Muitos ensinamentos/aprendizados ocorrem, orientados pela “arte de conversar”, como me falou uma companheira de Grecom, a querida Ni, em uma ida nossa a Recife, para finalizar alguns pontos de sua dissertação. O conversar é algo que transmite muitas lições, permite contemplações e instiga reflexões na nossa roda da vida, a qual, como lindamente apontou Ubiratan D’Ambrosio, em *Transdisciplinaridade*, refere-se a uma vida de ouvir e interpelar não só os mestres credenciados pela academia, mas também o povão impregnado de sabedoria; uma vida de ver não só o belo e prazeroso, mas igualmente o brutal e o repugnante; uma vida de visitar não apenas museus e galerias, mas igualmente mercados e praças populares, uma vida de elevar o espírito em missas e cultos consagrados, bem como em terreiros e sessões; uma vida de conhecer e procurar entender lugares simplesmente porque estão lá, e pessoas simplesmente porque são; uma vida de reconhecer que as fontes resultam da sede e essa sede tem sido insaciável.

Desse modo, com mais um ponto do trabalho pensado, haveria de refletir sobre o desenvolvimento do estudo. Iria simplesmente retratar viagens?! Qual seria a ligação entre elas? Como questionou Ceiça em um encontro nosso: “Qual a constelação que guiará o trabalho? É preciso ter uma ideia que perpassasse por todas suas histórias...”. naquele momento, minha resposta foi: “Ainda não sei, mas creio que em breve isso será esclarecido, naturalmente”... Foi quando, olhando para o mar e refletindo sobre o mundo, a destruição, a corrupção, a forma como os homens aqui estão se relacionando entre si e com os outros seres, veio-me a ideia: o mundo vive desse modo hoje, que está provocando uma crise planetária, mas há espaços em que podemos observar e sentir algo diferente disso. A resposta, então, parecia óbvia: esse vai ser o ponto que ligará as narrativas, são “ilhas de resistência” ao grande oceano de hegemonização e padronização cultural, a um sistema mundial que fragiliza e degrada bens e valores. Resistência nem sempre ativa e “consciente”, mas também, em alguns casos, pelo simples modo de ver e viver o mundo.

Mas isso ainda precisava ficar mais claro ainda... Como eu iria tratar algo como “resistente”? O que seria essa resistência? Conversava eu com um camarada, quando ele me questionou sobre o que realmente seria ilha de resistência, se a paz é resistência, se o amor é resistência, se o sorriso é resistência. O que eu respondi, e é o que penso, até então, é que é algo muito amplo. Além dos movimentos sociais que reivindicam melhorias para a população, que é o que mais estamos acostumados a ver; são lugares, pessoas, ilhas que

mantêm costumes e saberes antigos, formas particulares de sentir o mundo ao seu redor, os homens, os animais, as plantas, as rochas, até seres não viventes, mestres ou encantados, guias espirituais; são, ainda, espaços onde se preze pelo Amor, pelo Respeito, pelo Carinho, pela Hospitalidade, pela Simplicidade, dentre outros valores tão fragilizados na atualidade. Isso em virtude do simples fato de que vemos e sentimos cada vez mais as pessoas reclusas em suas casas, numa comunicação distante e virtual, pessoas assustadas com as péssimas notícias que veem nos jornais e na mídia em geral, pessoas desacreditadas do amor, do bem-estar e dos bons sentimentos. Tal fato se dá, penso eu, principalmente por causa de uma própria necessidade da cultura mundialmente hegemônica de ver as pessoas se sentindo cada vez mais fracas e isoladas.

Enfim... enquanto apreciava o já mencionado livro *Tristes Trópicos*, despertou-me a pergunta chave deste trabalho, quando, na sinopse do verso da obra, encontra-se o questionamento: “Somos ainda humanos o bastante para comprehendê-los?”. Esse seria o ponto, lugares de resistência como aqueles que, talvez mesmo sem uma intenção aparente, fazem-nos questionar sobre a nossa própria humanidade.

Nesse sentido, tomei emprestado para desenvolver a escrita, dois conceitos bastante caros e felizes de seus autores: Monocultura da Mente, da indiana Vandana Shiva, e Pensamento do Sul, de Edgar Morin. Pelo primeiro, em linhas gerais, fica explicitada a idéia de uma padronização mundial, de comportamento e pensamento, guiada pelos moldes ocidentais; já pelo segundo, temos o reconhecimento de espaços que se apresentam como resistência a essa uniformização, os chamados “suis”.

Assim, conversas, percepções, observações, sensações... Histórias, prosas, poesias, fotografias, desenhos... letras de música e livros não convencionais da academia... o que pudesse servir para retratar um pouco das reflexões e formas de se conhecer e produzir conhecimento, bem como de uma formação/Educação para a vida, foi utilizado neste trabalho, regado a subjetividade e emoções... Como bem disse Antônio Machado, poeta sevilhano, “o caminho se faz ao caminhar”; desse modo, o trabalho não teve uma metodologia de pesquisa pré-estabelecida, como convenciona os estudos acadêmicos... os métodos foram sendo revelados ao longo do tempo, a partir dos próprios acontecimentos. Diante disso, foram necessários mais cuidado, destreza e ponderação, mais tática, flexibilidade e sensibilidade para compreender diferentes situações, muitas não previsíveis, num processo de permanente reconstrução.

Desse modo, com o texto “concluído”, procurei, inicialmente, abordar aspectos referentes a essa hegemonia cultural, a essa onda tecnocrática que estabelece modos e meios de vida, culturas, padronizando formas de pensar, de comer, de vestir, de gostar, de querer, de agir. Em seguida, passo a relatar as vivências nas/com ilhas de resistência. Como disse anteriormente, não é uma exposição linear nem segue uma ordem temporal ou cronológica. São escritos aleatórios, vividos, sentidos, pensados e escritos em momentos e por formas diferentes. Com alguns, funcionou como um “diário de viagem”, pois pude resgatar trechos de anotações por mim feitas enquanto realmente viajava; já outros, escrevi a partir de fotografias, conversas e lembranças, numa espécie de imagens que ficaram guardadas em minha memória. Assim, nos textos do primeiro caso, será percebida uma riqueza maior de detalhes, enquanto nos outros, uma visão mais geral das vivências, porém não menos rica, pois retrata fatos que realmente ficaram marcados mesmo após alguns anos. Ao final de cada uma, exponho imagens, fotografias ou desenhos; não poderia deixá-las de fora, creio que complementam o que segue nas linhas.

A seleção das narrativas teve como critério principal o Sentimento. Por mais injusto que possa parecer com outras passagens, retrato aqui algumas das que mais me afetaram, “tocaram meu coração”. Com certeza foi um escolha complexa, cada vez a lista mudava em algo, até no momento da escrita do texto final, quando ainda fiz alterações. No fim, resolvi dividir em cinco escritos. E por que cinco? Simplesmente por caber em uma mão... seriam mais, mas, por questões burocráticas, optei por deixar somente estes mesmo... Vale salientar que em nenhum dos casos, estive presente como um “pesquisador”; não por mais uma questão de crença, em que acho que o pesquisador deva tirar esses óculos e esse rótulo, e realmente viver, mergulhar naquilo que pesquisa, mas porque simplesmente não sabia que, tempos depois, tais perambuladas virariam uma dissertação de mestrado. Por essa razão, inclusive, evitei apresentar fotografias que mostrasse os rostos das pessoas ou rituais entre os povos. No entanto, vale salientar, que todos os registros foram feitos com o consentimento da outra parte, que, muitas vezes, sentia-se valorizada simplesmente por estar “posando para uma foto”.

Assim, primeiramente, trago as vivências com Beiramar, um senhor que vive em Recife, no bairro de Dois Irmãos, conhecedor das matas, dos remédios, das frutas, defensor da natureza. Em seguida, viajo ao Sul, para contar história sobre as lições trazidas por um casal do município de Rodeio Bonito, no Rio Grande do Sul, caipiras doces e simpáticos, simples e hospitaleiros. Saindo de vivências mais individualizadas, traço comentários

acerca de dois encontros: O ENCA (Encontro Nacional de Comunidades Alternativas) e a Cúpula dos Povos, realizada no Rio de Janeiro, em 2012. Enfim, algumas breves passagens, rápidas partilhas, com diferentes pessoas, porém, não menos valorosas e ricas de ensinamentos.

Dando sequência, a título de desfecho/conclusão, uma espécie de manifesto, ou apelo, é apresentada. Fruto de reflexões, sensações e impressões, desejos e anseios, partindo da essência do homem e sua relação com os demais seres, procuro apontar alguns caminhos que considero necessários para que alcancemos uma mudança planetária.

Fechando o texto, não coloco “Referências”, mas sim, “Estopins de reflexão”. Por quê? Simples... para este escrito, certamente apresentei opiniões que foram construídas durante toda minha breve vida, com base em leituras que, não necessariamente, foram feitas somente agora... muitos textos, livros, foram lidos, alguns conhecidos na academia, outros nem tanto; alguns trouxeram afirmações novas, outros reforçaram ideias antigas, às quais, se eu fosse atribuir a alguém através de uma referência, estaria cometendo uma injustiça própria. Como já dito, percebi, portanto, que nossos conhecimentos vão sendo constantemente formulados... temos bastante, guardamos saberes adormecidos em nós.

Caberia, ainda, dar um título ao trabalho, o qual veio naturalmente. Não poderia ser diferente: Os Mestres, todos aqueles com quem cruzei e pude aprender algo; o aprendiz, eu. E o subtítulo: Perambulando por Ilhas de Resistência, pelo fato de que perambular é um verbo que muito me significa, transmite uma noção de transgressão, despreocupação e responsabilidade ao mesmo tempo; momento em que nossos espíritos se encontram mais livres para criar, reformar e mudar.

Por fim, caro leitor, desejo que possa sentir cada palavra escrita, cada imagem registrada... acreditem que retratam momentos especiais para mim, que contribuíram/contribuem para eu crer em tudo aquilo que pus inicialmente... e em outras coisas mais, que, para encurtar a lista, deixaram de ser mencionadas...

Desejo, e acredito, que você tenha uma boa e rica viagem...

Juliano Petrovich  
Praia do Meio, Natal, RN



Ao lado, eu e Edgar Morin, durante o I Colóquio Internacional Tributo a um Pensamento do Sul, em Natal, no dia 01/11/12; abaixo, eu e Vandana Shiva, durante a Cúpula dos Povos, no Rio de Janeiro, em 19/06/12 (meu aniversário)...

Certamente, tais encontros muito contribuíram com as minhas reflexões e escritos...



## **ARRUMANDO A BAGAGEM... DO CORAÇÃO E DAS IDÉIAS: a padronização do/de ser e as ilhas de resistência**

*“A humanidade se divide em dois grupos:  
o dos que não comem e o dos que não dormem...  
Estes com medo da revolta dos que não comem”*  
(Josué de Castro)

“Um novo mal-estar da civilização”... esta afirmação, atribuída a Edgar Morin, refere-se à crise planetária vivida hoje. Nesse sentido, sugiro que tentemos relembrar cinco períodos de nossa história, com o intuito de entender melhor tal crise...

É sabido que, por muito tempo, o homem foi um ser nômade. Segundo Mia Couto, “durante milênios, a nossa casa foi um mundo sem moradia”. Nessa época, o homem vivia imbricado com a Terra, inclusive pelo fato de nela reconhecer a principal fonte de sua subsistência. Caçava, coletava, numa relação de respeito, dentro de limites que atendiam apenas as suas necessidades.

Em seguida, com a prática da agricultura, passou a desenvolver seus cultivos e a se fixar em determinados espaços. Tornou-se sedentário, cuidador de suas plantações. Aqui, o excedente das produções eram trocados, não havendo uma necessidade de acúmulo, nem, por conseguinte, de modificar a natureza física local além do necessário para garantir seu sustento.

Centenas de anos mais tarde, chegamos ao período das Grandes Navegações, com as conquistas e as ditas “descobertas”. A América era já habitada por indígenas, povos que, embora eu não os trate como um “bom selvagem”, reconheço que mantinham relações próximas e sagradas com a Terra. No caso do Brasil, especificamente, junto à chegada dos colonizadores europeus, vieram elevadas doses de perversidade e desrespeito. Lembro-me do poema de Carlos Drummond de Andrade, *Erro de Português*, que diz:

Quando o português chegou  
Debaixo de uma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
O português.

Pois bem... colonização, maldade, devastação, castigos, mortes e extinção de povos foram observadas. Aqui, o homem já começava a se sentir dono dos bens naturais, vendendo-se no direito de destruir uma natureza até então respeitada e adorada pelos povos que nestas terras habitavam, o que também ocorria em várias partes do mundo. O desejo de obtenção de riqueza, a crença numa superioridade de raças ou etnias, faziam com que os homens começassem um forte processo de exploração uns dos outros.

Continuando nossas lembranças e chegando à nossa quarta parada, estamos entre os séculos XVIII e XIX, durante a Revolução Industrial. Nesta época, intenso êxodo rural, nascimento das cidades, forte industrialização e aumento no número de pessoas trabalhando em condições degradantes. A natureza, plantas e animais, eram tidos como meras matérias-primas das indústrias, as quais, responsáveis também por um crescimento nos níveis de emissão de gases poluentes, tiveram relação direta com o processo de devastação natural.

Em nossa quinta e última parada é que mais me detenho... já no século XX, vemos um mundo dominado por um sistema capitalista, que, feito um lobo faminto atrás de um pobre cordeiro, é capaz de ações absurdas para obter lucros e riquezas. Acúmulo é a palavra do momento. Grande concentração de dinheiro nas mãos de poucos, enquanto grande número de pessoas vivem em profunda miséria, vontade humana de tudo dominar, de crescer ilimitadamente, preponderância da economia sobre a ecologia e a sociedade, do Ter sobre o Ser, altos índices de desmatamento, de extinção de espécies: tudo isso resultado da forma como o homem está habitando o planeta. Como afirma Leonardo Boff, em *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, “ambos, Terra e trabalhador, estão feridos e sangram perigosamente”. Destaca o teólogo, que a utopia de melhorar a condição humana piorou a qualidade de vida, assim como o sonho de crescimento ilimitado produziu o subdesenvolvimento de dois terços da humanidade, e a volúpia de utilização dos recursos da Terra levou à exaustão de sistemas vitais e à desintegração do equilíbrio ambiental.

Mia Couto, por sua vez, em *Os sete sapatos sujos*, considera que se fala da erosão dos solos, da desflorestação, mas a erosão das nossas culturas é ainda mais preocupante. Isso realmente também é bastante grave. Monocultura da mente, Colonização do imaginário, Ocidentalização do planeta, Civilização da beterraba, ‘Macdonização’ do mundo, conforme expressões de Vandana Shiva, Serge Latouche, Edgar Morin, Claude Lévi-Strauss, Maurice Holt, trazidas por Ceiça Almeida, em *Pensamento do sul como reserva antropológica*, refletem essa forma de pensar e agir que vem se tornando

hegemônica em todo o mundo. Para Mia Couto, “o que os vídeos e toda a subindústria televisiva nos vêm dizer não é apenas ‘comprem’. Há todo um outro convite que é este: ‘sejam como nós’.”

Dessa maneira, considerado aqui uma grande falácia, este desenvolvimento, extremamente insustentável, continua sendo imposto ao mundo através de um intenso processo de ocidentalização e uniformização que ignora e massacra as diversidades e as abundâncias das civilizações e culturas do planeta. O pior é que, muitas vezes, os tais “programas de desenvolvimento” são exportados pelos países do Norte, tidos como desenvolvidos, e aplicados por empresas privadas ricas, que ainda recebem o aval e regalias do Poder Público dos países do Sul. Empresas estas que, para garantir seu acúmulo e grandes lucros, são capazes de causar muito mal às populações dos “suis”, que são envolvidas pela ideia de que a quantidade, o novo, o moderno, é o que há de melhor. Assim, sob essa lógica de “Mais em vez de melhor”, pode-se dizer que, infelizmente, o Norte está devorando o Sul, com sua visão produtivista e quantitativista...

Nesse sentido, como também afirma Vandana Shiva, em *Monoculturas da Mente*, considero que a raiz dessa falsa idéia de progresso e desenvolvimento tem um ponto fundamental na ideologia dominante, que acaba impondo uma única forma de enxergar o mundo ao redor, todos os demais seres vivos e não-vivos que aqui também habitam. Isso implica numa fragilização de valores, de emoções, numa sociedade fria, estandardizada nas ações e no imaginário, uniforme, amedrontada... vê-se imposta uma (falsa) solução padrão a todos os problemas do mundo, independentemente de onde seja, clima, vegetação, nem muito menos populações instaladas em certas áreas, que cultivam saberes milenares, numa relação próxima à natureza e aos ciclos da vida. Por meio disso, podemos até acreditar que estão assegurados o modelo hegemônico e a exploração dos mais fracos.

Os desenvolvimentos da ciência, da técnica, da indústria, da economia, que, de acordo com Edgar Morin, propulsam a nave espacial Terra, não são regulados nem pela política nem pela ética nem pelo pensamento; portanto, liberam uma surpreendente capacidade de invenção, mas também de manipulação e destruição. Predomina um desejo de saciar somente interesses pessoais, fundados na noção de um *homo economicus*, cego para a existência, o amor, a dádiva, a comunhão, a alegria, o sofrimento, a (in)felicidade, a consciência... cego, pois, para o lado humano da humanidade...

O que é pior é o fato de percebermos que isto está impregnado de uma forma marcante em toda a sociedade. As crianças querem ser adultas cada vez mais cedo, não

sabem mais o que é brincar de “biloca” ou amarelinha nas calçadas, já que o tempo é cada vez mais curto e os pais preferem que fiquem em casa, em frente a um computador; os idosos desaprenderam a sentar nas calçadas no fim da tarde para divagar sobre a vida (alheia)... as pessoas se isolam, entram num ciclo vicioso, em que acordam e saem de casa para trabalhar, principalmente em cargos que beneficiam alguns poucos abastados, retornam a noite, cansados e sentam em frente à televisão... este é o momento mais usado pelo sistema hegemônico mundial para espalhar o mal da monocultura mental, novelas que retratam violência, traição, assassinatos, além de muita futilidade; jornais sensacionalistas, que exploram a imagem da degradação humana, da violência, desgraças, distorcem casos e notícias, “formando” uma população cada vez mais alienada. Isso me lembra uma frase do ilustre John Lennon: “que mundo é esse em que a violência é mostrada todo dia e o amor se faz escondido?”

Para ilustrar, mas também refletir,uento um caso que ocorreu comigo certa vez... fiquei abismado ao ver repetir nos vários canais midiáticos que um jovem jogador passaria a receber cerca de três milhões de reais por mês. Isso se torna o símbolo do sucesso, referência e exemplo para a maior parte da população, que começa a se sentir “menor” e mais triste. E onde vai curar essa tristeza? Nos centros de compras e supermercados, já que falsas necessidades do consumo e do “ter” são pregadas às pessoas, através de anúncios e propagandas mostrados nos intervalos dos mencionados programas, que incentivam as compras. Desse ponto, decorre também uma grande onda de violência, de revolta, pois, enquanto o “material” é incentivado a todo instante, serviços básicos a serem prestados pelo Poder Público (que na verdade são homens, com as mesmas ambições e alienados da mesma forma, obstinados por riqueza financeira) são extremamente falhos. Isso resulta num grande número de excluídos sociais, que também têm seus desejos e suas (aqui são reais) necessidades, de morar, de comer, de estudar, de se divertir e de ter assistência médica violadas.

Com o aumento nos índices de violência, as pessoas tendem a se trancar mais em seus mundos, pouco interagindo, pouco partilhando, pouco se sentindo, pouco se afetando... como diz uma das músicas da banda O Rappa, “As grades do condomínio são para trazer proteção, mas também trazem a dúvida se é você quem ‘tá’ nessa prisão”. Desse modo, menos chance de discutirem idéias, se politizarem, se informarem por meio de outras fontes... menos chance de revoltas e movimentações sociais que questionem o poderoso sistema.

Seguindo essa tendência global de uniformização, nas escolas e universidades, palcos de uma educação formal, sabemos que uma linguagem universal, uma única forma de agir, de pesquisar e pensar, um único método são disseminados. Uma única versão da história é contada, uma única forma de explicar os fenômenos é revelada, enquanto a diversidade dos contos locais, os modos diversos de conhecimento da natureza, o elenco de soluções para problemas pontuais, as distintas linguagens simbólicas de compreensão do mundo têm sido suprimidas ou negadas pelo modelo uniformizador do conhecimento ocidental.

Essa exclusão de conhecimentos acumulados pela experiência das culturas, mas que estão às margens do saber científico, adjetivo este que atribui uma espécie de sacralidade ou imunidade social ao sistema ocidental, compromete uma democracia do conhecimento. Assim, vê-se subjugada a diversidade dos saberes à tal monocultura da mente, que provoca uma grande devastação da sabedoria milenar existente na humanidade, por meio de um controle ideológico, sociocultural e econômico.

Tal devastação ocorre, primeiramente, quando é negada a existência desses outros saberes, fazendo-se crer que a ciência monocultural é a única forma de se conhecer, desconsiderando, pois, toda a “arte” de um sistema de conhecimento local, tido como primitivo, não sistemático ou não legítimo. No entanto, considerados universais, os saberes da tecnociência são incapazes de perceber e de conceber o global e o fundamental, bem como a complexidade dos problemas humanos; ratifica, portanto, a fragilização na relação vital entre o ser humano e o mundo natural.

Desse modo, instituída ao fazer desaparecer o espaço das alternativas locais, a padronização do pensar e do agir leva à substituição e destruição da diversidade. O saber dominante, ademais, também destrói as próprias condições para a existência de alternativas, de forma muito semelhante à introdução de monoculturas agrícolas, que destroem as próprias condições de existência de diversas espécies. Como reflete Vandana Shiva, para o sistema hegemônico, falta espaço para o pequeno, que perde o seu valor; a diversidade deve ser erradicada como uma erva-daninha; e aqueles que não se ajustam à uniformidade são declarados incompetentes. Veem-se fortemente ameaçadas as originalidades e as singularidades culturais, étnicas, nacionais.

Entretanto, apesar de toda essa hegemonia e estandardização, podemos observar alguns núcleos de resistência a essa crueldade do mundo. São os chamados “Suis”, termo que veio a partir da ideia de Pensamento do Sul, atribuída a Edgar Morin. Segundo ele,

para o Sul, que não se refere a uma questão meramente geográfica, mas simbólica e metafórica, existe de fato uma hegemonia do Norte, relacionada à técnica, à economia, ao cálculo e à racionalização; hegemonia esta que ignora a existência dos vários suis, diversos, e submete-os a uma concepção única, de atraso, de marginalizado, de discriminado, de explorado, de subdesenvolvido, de necessidade de desenvolvimento e modernização, segundo os moldes “norteadores”.

Tais “suis”, tidos como os espaços de resistência, dizem respeito, portanto, a modos de pensar e viver que se organizam por princípios, valores e práticas distintas, sentimentos, intuições, recusa aos mitos de desenvolvimento e de progresso. Existem, portanto, qualidades, virtudes, artes de vida, miscigenação dos povos; uma ecologia das idéias e práticas socioculturais que favorecem as forças da criatividade e da diversidade. Desse modo, estas sociedades humanas têm, ao longo do tempo, expressado uma multiplicidade de saberes, sobre o mundo mineral, vegetal e animal, que, conforme Ceiça Almeida, em *Complexidade, Saberes científicos e saberes da tradição*, são fortalecidos pela adaptação criativa ao meio ecológico de onde emergem. Repassados de forma oral e experimental, tais saberes e exemplos de vida são responsáveis pela manutenção de centenas de grupos culturais espalhados por lugares ainda não (tão) contaminados pela lógica do sistema mercadológico que a tudo nivela e padroniza.

Nesse sentido, conforme Lévi-Strauss, em *O Pensamento Selvagem*, apesar de se valerem dos mesmos atributos cognitivos que constituem a unidade do pensamento humano, tanto a cultura científica quanto os saberes populares, tradicionais, pautam-se por distintas estratégias de pensamento: uma mais distante da lógica do sensível, outra mais próxima a ela. Ceiça Almeida, seu modo, compara a primeira a uma régua e a segunda a um compasso, já que o método científico tem priorizado propriedades como linearidade, regularidade, simetria e exatidão, além de um afastamento maior em relação ao que se pretende conhecer; enquanto os saberes da tradição expressam uma dinâmica do pensamento na qual prevalece a circularidade, relações próximas do homem com o meio, propriedades de simbiose, atenção, observação e leitura da natureza, relacionada aos próprios sentidos (daí a ideia da lógica do sensível), ao tocar, ao cheirar, ao comer, ao ver, ao ouvir.

Dito isso, faço alguns questionamentos para reflexão: Qual a gene, a raiz, das descobertas tecnológicas atuais? E dos conhecimentos da Ciência?

Preciso revelar mais uma crença...

Acredito que a cultura mundial atual, também a científica, tenha uma dívida incalculável com o passado; com todos aqueles que, muito antes de nós, aprenderam com a natureza e com a necessidade de conviver harmoniosamente com ela. Sabedoria e ancestralidade de sociedades que trazem tradições de solidariedade, ligadas ao integrar e não ao destruir. Afirmados dez mil anos antes dos outros, tais saberes são sempre o substrato da nossa civilização; seus detentores, os chamados intelectuais da tradição, na maioria dos casos, estiveram distantes dos bancos das escolas; sua sabedoria veio da contemplação, de um estado de espírito atento, em que se é possibilitado ver o mundo com mais clareza e enxergar a exuberância de suas belezas, de parar e meditar sobre o que os olhos captam, como bem disse o companheiro Walmir Paes, em seu trabalho monográfico. Sabemos que uma rede contínua e intensa de troca de mensagens e decodificação de sinais tece a dinâmica da vida nos animais e nas plantas. O conhecedor tradicional Chico Lucas, em *A natureza me disse*, demonstra bem essa questão, quando afirma “eu não tive a oportunidade de estudar, mas sempre procurei ver a natureza. Presto atenção a tudo desde quando eu era criança”, e completa, “tudo quanto a ciência descobre, a natureza já ensinou há muito tempo.”

Por fim, considero que os “suis” são lugares, comunidades, pessoas, que possuem uma certa magia, que têm a capacidade de cativar, de demonstrar afeto, solidariedade e amor... onde sentimos a simplicidade pulsar e a poesia da vida ser recitada a todo instante. Mexem com a nossa energia, deixando o brilho interior mais intenso. É aquele senhor que cedinho vai mexer na terra, plantar, colher, observando o tempo certo para cada ação, a ser guiada, principalmente, pelo tempo da natureza; é aquele povo indígena em seus rituais, buscando o contato e as orientações de seus guias e encantados; são os quilombolas e os “preto velho”, que, com muita pureza, docura e alegria, nos enchem de lições e bons conselhos; são pescadores e caiçaras, que adentram ao mar, às vezes passando dias rodeados por água e ondas, para garantir seu alimento e o sustento da família; são conhecedores das matas e florestas, que nas plantas encontram seus remédios e seus seres de crença; é aquela senhora que, mesmo passando por dificuldades, nos convida e oferece uma bela refeição, sem muito requinte, mas preparada e partilhada com muito gosto, enfim, são espaços em que as pessoas muito têm a transmitir e ensinar, são locais onde se vivencia valores, hoje fragilizados pela monocultura da mente, formas de viver mais leves, próximas do “calor humano”, onde se pode ouvir o murmúrio das árvores e o canto dos pássaros...

Penso que algo que pode mostrar bem todo esse embate entre um pensamento norteador, hegemônico e uniforme, e lugares diversos, mágicos e miscigenados é uma música do pernambucano Antonio Nóbrega, intitulada *O rei e o palhaço*:

Sua coroa é de ouro,  
O meu chapéu é de palha.  
A sua cota é de malha,  
O meu gibão é de couro.  
Sua justiça é no foro,  
Minha lei é o consenso.  
O seu reinado é imenso,  
Minha casa é meu país.  
Você é preso ao que diz,  
Eu digo tudo o que penso.

Você vem com a arma erguida,  
Eu vou abaixando a guarda.  
Vocês vem vestindo a farda,  
Eu de roupa colorida.  
Vocês disputa corrida,  
Eu corro pra relaxar.  
Sua marcha é militar,  
A minha é de carnaval.  
Seu traje é de general,  
Eu visto pena e cocar.

Você liga a motosserra,  
Eu planto flor no cerrado.  
Vocês só anda calçado,  
Eu piso com o pé na terra.  
Vocês quer vencer a guerra,  
Eu quero ganhar a paz.  
Vocês busca sempre mais,  
Eu só quero o que é meu.  
Vocês se acha europeu,  
Eu sou dos canaviais.

Você vem com a força bruta,  
Eu vou com a ginga mansa.  
Vocês vem erguendo a lança,  
E eu erguendo a batuta.  
Vocês me traz a cicuta,  
Eu lhe dou chá de limão.  
Vocês diz que é capitão,  
Eu só sou um mensageiro.  
Vocês é um brigadeiro,  
Eu sou só um folgazão.

Confesso, enfim, que sinto uma certa dificuldade em descrever algo mais acerca desses espaços, dessas pessoas... Como certa vez disse Bob Marley, “as coisas não são para serem ditas, são para serem sentidas; quem não as sente, não as conhece”. Penso, portanto, que tratar desses “suis” envolve um grande sentir, algo que fica guardado em cada um de nós, que, certamente, empobrece-se quando tentamos passar para palavras...

### **Para onde segue a Terra... e a humanidade...**

Comecei este capítulo sugerindo uma rápida passagem por cinco épocas diferentes de nossa história. Agora eu questiono: E se pensarmos daqui pra frente? Para onde estamos seguindo?

Ilya Prigogine diz que “O futuro é incerto”... de fato, o amanhã é desconhecido, sujeito a “acasos” e surpresas, a acontecimentos que independem de nossa simples vontade; no entanto, não podemos nos sentir tão passivos diante do nosso destino, negando nossa contribuição para o que está por vir...

Busquei trazer alguns apontamentos acerca do mundo na atualidade, relacionando a hegemonia de formas de pensar e agir, e, por outro lado, lugares, pessoas, comunidades que trato como ilhas de resistência, os tais “suis”... cabe-nos, contudo, refletir acerca dessa

situação e encontrar vias que nos levem a mudanças... A não ser que queiramos ser esmagados cada vez mais por uma cultura alienante, que prega a uniformidade e contribuir vorazmente com a degradação humana...

Passamos a tratar o meio ambiente natural, e a própria sociedade humana, como se consistissem em partes separadas. Assim, a natureza bruta vem a ser exploradas comercialmente, em benefício próprio, por diferentes grupos, e os povos se vêem divididos em tantas nações, raças, grupos religiosos e políticos. Isso nos alienou da natureza e de nossos companheiros humanos, e, dessa maneira, nos diminuiu. A humanidade parece estar caminhando para viver na Terra de forma que até o cheiro de uma planta ou areia terá que comprar em supermercados, como diz Ignácio de Loyola Brandão...

Temos, portanto, que o momento atual é de crise... vivemos a crise do desenvolvimento, da unificação técnico-econômica do mundo... a crise da relação entre os seres humanos e a natureza, das sociedades tradicionais, da própria modernidade... a crise da alma, do espírito, um vazio do estar, do ser, do sentir... a fragilização de valores, da espiritualidade... um mal-estar moral e físico decorrente de progressos técnicos e materiais que não estão acompanhados por progressos físicos e espirituais...

Essas múltiplas crises do nosso século refletem a grande crise da humanidade, que não consegue se constituir como tal e não enxerga o planeta como sua grande casa...

Nesse sentido, Edgar Morin considera que quando um sistema não é capaz de tratar seus problemas vitais e fundamentais, ou ele se desintegra, ou então é capaz de se metamorfosear, ou seja, engendrar um metassistema mais rico que possa tratar esses problemas. Desse modo, nosso sistema Terra está ou condenado à morte ou à metamorfose.

Observamos, assim, a necessidade de grandes mudanças, reformas relacionadas ao modo como o homem se insere e vive no mundo. Um momento de crise pode contribuir para tanto, pois é uma fase em que despertam grandes capacidades geradoras, criativas e regenerativas na sociedade.

Se a grande metamorfose é garantida?! Não sabemos... a única coisa que sabemos é que como está não dá para continuar... e para isso, a sociedade precisa acordar desse pesadelo, quase um estado de “coma induzido” por parte de poucos abastados, representantes e perpetuadores da monocultura mental e cultural. Reformas interdependentes e complementares da educação, da ética, da vida, da forma de se sentir e estar no mundo são necessárias... todas as áreas das atividades humanas, econômicas,

sociais, culturais, educacionais, mentais e existenciais necessitam de mudanças profundas e intersolidárias, com vistas à tal metamorfose.

O primeiro passo, considero que seja a recuperação de nossa plena humanidade, de nossa experiência de conexidade com toda a teia da vida, como trata Fritjof Capra, refletindo uma interligação e uma interdependência ecológica vital entre os seres. Teríamos, pois, possibilitado uma sensibilidade mais plena do sujeito diante de si e do mundo, com um bem viver repleto de serenidade e, ao mesmo tempo, intensidade, o que implica a reconquista do tempo natural com o tempo cronometrado imposto. Reconectar-se com o tempo da natureza se mostra de suma importância, visto que, como dito anteriormente, a vida hoje flui num ritmo em que o ser humano parece estar sempre correndo, para não se atrasar no tempo estabelecido pelo sistema monocultural.

Em resumo, pode-se dizer, com base em Leonardo Boff, que é necessário mudar o curso da civilização, deslocar o seu eixo da lógica dos meios a serviço da acumulação excludente para uma lógica dos fins em função do bem-estar comum do planeta Terra, dos humanos e de todos os seres, no exercício da liberdade e da cooperação entre os povos. Para tanto, devemos procurar uma transformação radical de nossos modelos de desenvolvimento, de educação e de civilização. Devemos nos apoiar no reconhecimento de uma pluralidade de modelos, de culturas.

Nessa linha, Ubiratan D'Ambrosio aponta para uma mudança radical que se aplica a todos os níveis do saber e do fazer, considerando que a interação viva de todas as coisas no universo repercute no nosso ambiente, bem como na tradução de nossos conhecimentos, em processos de integração, abrangendo os aspectos mais sutis da realidade. Busca-se, essencialmente, uma unidade total da vida, entre o homem, a natureza e o cosmos.

Nesse ponto se encontra a principal função do Sul: problematizar para dar possibilidades ao renascimento. Dotado de uma maior sensibilidade humanitária, considerado diferente, inconformado, desafiador e rebelde, fonte de protestos e propostas, com base em Edgar Morin, são (e devem ser) pontos de resistência, salvaguardando seus valores de solidariedade e de comunidade, de relação integrada com o todo, seus saberes e fazeres adquiridos por experiências, muitas vezes milenares, de arte de vida e de sabedoria. Percebemos, então, que ao sul cabe restaurar o concreto, a existência, o singular, o que existe de afetivo na nossa vida. Assim, ao reunir, dialogar e conjugar todas essas heranças culturais, vê-se capaz de realizar uma grande e nova problematização.

No entanto, como vimos, a lógica do Norte é cega às realidades do Sul. Refere-se, dessa forma, para Morin, à prosa da vida, a qual não deve estar presente de modo soberano; deve haver espaço para a poesia, para o viver poeticamente, isto é, no amor, na comunhão, na realização em si, na alegria e, no limite, no êxtase. Faz-se necessário, pois, que possibilitemos um diálogo, uma complementaridade entre Norte e Sul, beneficiando a sociedade mundial das contribuições do Norte, como saúde e técnicas, desde que combinadas aos bons sentimentos, à conservação dos segredos de uma medicina própria, das habilidades de caçadores, coletores e pescadores, dos conhecimentos de natureza que freqüentemente existem no Sul.

Nesse sentido, temos que uma nova sabedoria precisaria procurar o diálogo permanente, o equilíbrio e a complementaridade no antagonismo, entre a razão e a paixão, com ênfase na busca de uma nova consciência, ligada ao homem e suas multidimensões. Essa ideia me faz recordar os ensinamentos de Maria Cândido Moraes, quando considera que o ser humano é bio-psico-socio cultural e espiritual. O reconhecimento da diversidade, pois, encontra-se ligado ao próprio auto reconhecimento humano; o que leva a um novo reconhecimento da humanidade. Estariam, assim, abertas as portas para um novo relacionamento com os diferentes, com a natureza como um todo e com os cosmos na sua totalidade.

Com base nesta ética da diversidade, em sua essência, percebemos o quanto tal questão é importante, tendo em vista que a diversidade, enquanto maneira de pensar e viver, é capaz superar o empobrecimento generalizado, do imaginar, do agir e do interagir, do viver e do conviver, gerado pelas monoculturas mentais. Tal diversidade, desse modo, é uma alternativa à monocultura, à homogeneidade e à uniformidade; vivendo-a na natureza corresponde a viver também a diversidade de culturas, fontes de riqueza e alternativas.

Para a Ciência, entender essas mudanças, essa diversidade e realmente praticá-la e vivê-la, implica na superação da tão observada fragmentação disciplinar. Dentro das próprias universidades, vemos verdadeiros feudos incomunicáveis, física não dialoga com filosofia, direito não dialoga com as artes. Se isso é assim dentro das próprias universidades, imaginemos como é sua relação com a sociedade. Elas devem, portanto, viver uma ética da responsabilidade com a vida e do cultivo do bem, do bom e do belo, aberta a um diálogo multicultural.

Além disso, para pensar a educação como experiência da diversidade também é urgente restabelecer um diálogo entre ciência e tradição, superando a fragmentação e se abrindo às lições não-científicas. Estas são consideradas uma forma igualmente válida de ler (ver, compreender e dialogar com) o mundo; então, permitir e fomentar a complementaridade entre esses saberes e os conhecimentos da educação formal/ciência pode ser tido como mais uma missão da escola e da universidade na sociedade contemporânea. Dessa forma, vê-se imprescindível redirecionar os horizontes pedagógicos e educacionais, possibilitando que os sujeitos se sintam autores de suas narrativas, o que traz uma noção de pertencimento do conhecimento.

Percebo como necessário, diante disso, o aparecimento de um novo pesquisador, um cidadão, um sujeito dotado de profunda sensibilidade, disposto a embarcar numa viagem transdisciplinar pela ecologia das ideias e da ação. Nesse sentido, teríamos pesquisas enxergando o simples estar no mundo, os sentimentos, a natureza ao nosso redor como grandes fontes de aprendizados; enfim, uma educação que contempla a autonomia e a subjetividade de educadores e educandos...

Esse diálogo e religação de saberes, das diversas representações do mundo, dos homens entre si e com a natureza, refletem uma grande mudança na ciência e na sociedade humana. À Educação cabe preparar a civilização, rumo à religação, reintegração, às relações e processos de interdependência, cooperação e comunhão na grande teia da vida, com base no amor, na inteireza, na fraternidade e na sabedoria. Deve-se ter em mente, a todo instante, que proteger a Terra é proteger a vida, é assegurar o acesso de todos aos nossos recursos naturais, ao compartilhamento daquilo que é bem comum, numa redescoberta da poesia da vida, do prazer, da comunhão.

Além da ciência, devemos repensar a economia, a tecnologia e o progresso, amparando essas ideias na tão falada ética, o que se mostra fundamental com vistas à metamorfose. A economia, por exemplo, campo extremamente “poderoso” no mundo atualmente, concentrador de interesses e chefe de cabine da nave de devastação cultural, deve receber fortes choques de regeneração, pois tão doente se encontra, contaminada pelo vírus do capitalismo financeiro. Deve, portanto, ser religada ao homem, ao ambiente e à sociedade, e regenerada a partir de princípios de ética social, além de, em muitos aspectos, ser expressão de fraternidade e solidariedade. Estaria em ascensão, desse modo, uma economia plural, local e solidária, possibilitando o contato entre o campo produtor e a

cidade consumidora, apostando na Agroecologia para a recuperação do meio rural tão agredido pelas monoculturas agrícolas e pelos venenos das grandes empresas. Essa ligação cidade – campo deve ser reestabelecida e respeitada; como certa vez ouvi num movimento junto a trabalhadores rurais sem terra (MST), “se o campo não vai à roça, a cidade não almoça; se o campo não planta, a cidade não janta”.

Para Ceiça Almeida, apesar de vivermos no mundo que está repleto de dificuldades, divergências e problemáticas decorrentes da sociedade globalizada, também são mostradas perspectivas positivas, que apostam numa sociedade mais justa, igualitária, cooperativa, una e diversa ao mesmo tempo. O grande objetivo, portanto, é impedir que o processo de globalização conduza a uma homogeneização mental, degradação ecológica e extermínio da diversidade cultural. Sabemos que tanto quanto a biodiversidade é essencial para a continuidade da vida, essa diversidade cultural é essencial para a evolução do potencial criativo de toda a humanidade.

Se eu acredito na metamorfose da vida na Terra? Na metamorfose do homem?

Acredito... acredito e tenho esperanças...

Acredito porque penso que se não acreditarmos em mudanças, em melhorias, perdemos nossa alegria de viver; e aí não faria sentido querermos reproduzir nossa espécie humana...

Acredito porque é muito mais cômodo para quem impõe uma monocultura mental que a sociedade fique descrente de si e de seu futuro; descrente dos bons sentimentos e da ética do bem viver... como disse Mia Couto, “o pessimismo é o luxo dos ricos”...

Acredito porque me permito a, sempre que possível, passar por lugares que os tenho como resistência. Embora por vezes a vida me surpreenda e presenteie com algumas situações e encontros inesperados, faço questão de beber nessas fontes, de aprender com outros intelectuais, com outros professores, outras lições, ensinadas diretamente pela Mãe Natureza e por pessoas que transmitem valores e dão o exemplo de outras formas de estar no mundo...

Algumas dessas passagens serão narradas em seguida...

## **BEIRAMAR:** o rei do açaí de Dois Irmãos

*“A água passava lá na pista, você via até os peixes passando, só Tucunaré...  
mas hoje em dia, você vê o que? Só lixo... passa um cara, ‘avoá’ um pneu;  
passa outro, taca uma garrafa... isso aí vai acabar a natureza...  
se passasse um e ‘avoasse’ um peixe, um casal de peixe,  
mas só plástico, pô...”*  
(Beiramar)

Era uma segunda-feira, dia 13 de fevereiro de 2012... estava em Campina Grande e segui para Recife, na ideia de por lá passar o carnaval, que seria na semana seguinte, ou apenas alguns dias, visitando a irmandade que lá morava. Não sabia onde ficava a casa de Cainã, o camarada que me hospedaria durante esse tempo em que estivesse pela capital pernambucana; a única referência que tinha era ser no bairro de Dois Irmãos, um lugar que, segundo meu anfitrião, era tido como uma área mais rural de Recife há poucos anos, mas que, com o tempo, fora “engolida” pela cidade... sabia também que ficava perto de uma grande mata, remanescente de Mata Atlântica...

No fim das contas, cheguei à casa, onde já tive logo uma boa impressão... afastado do centro de Recife, de todo o movimento, repleto de árvores grandes e antigas, o bairro de Dois Irmãos se mostrou bem agradável. Senhores nas ruas, com suas mesinhas de frutas, senhoras nas calçadas, conversando alegremente, mercadinhos... pássaros cantando e verde, muito verde... na casa, pessoas lindas se encontravam, numa partilha de alegria e solidariedade.

Passados dois dias que estava no local, numa tarde tranqüila, no momento em que jogávamos uma capoeira, apareceu um senhor... ao lado de sua inseparável bicicleta, chegara Beiramar à casa onde estávamos. Com uma voz grossa e calma, foi logo se apresentando como uma pessoa que nascera e crescerá naquele bairro e lá conhecia muitas coisas...

Entre um cigarro e outro, Beiramar falava bastante da riqueza da mata local e dos açudes; gostava de enfatizar a diversidade da natureza de Dois Irmãos, afirmado que, apesar de seus 52 anos, subia em qualquer árvore e se sentia muito forte, graças às plantas e, especificamente, ao açaí que lá existia. Esse ponto despertou minha curiosidade, pois, até então, não conhecia a existência de açaí no Nordeste...

A cada dia que se passava, uma nova surpresa ocorria, principalmente vindas de Beiramar... num dia, ele aparecia com uma jaca, no outro, com um cacho de banana, no outro, com dendê, segundo ele, tudo tirado da mata... “É assim mesmo, eu pego e dou pro povo... a natureza deu pra gente, eu num posso cobrar por isso... vou cobrar por algo que foi dado de graça, é?! Aí num pode não...” Com essa idéia, ele coletava muitas frutas que encontrava em seu caminho e distribuía na vizinhança, entre os comerciantes, as donas de casa, e nós, que também muito recebemos...

Já no sábado, após quase uma semana que eu estava em Recife, Beiramar, aproveitando o fim de semana, com um dia de folga dos trabalhos, veio ficar conosco mais tempo... chegara com um “punhado” de formigas na mão, imagino que seriam tanajuras. Comendo uma por uma, dizia que ali era fonte de muitas vitaminas, e trazia muita força para ele também; além disso, trouxe também uma sacola cheia de macaíba, uma frutinha amarela, com a casca bastante grossa e com uma textura “diferente” por dentro, diria que um tanto quanto visguenta. Quebrando as cascas para experimentarmos o que, para nós, era novidade, Beiramar juntou uma grande quantidade da fruta, enquanto contava boas histórias dele quando menino, suas aventuras e vivências no local... “antigamente, eu num passei fome porque tinha muita comida; lá em casa você olhava no terreiro, sabia nem quantas galinhas tinha, elas iam pra mata e quando voltavam, as vezes um mês depois, era com uma ninhada de pinto... e isso é uma riqueza!”.

Por várias vezes, gostava de contar que sua principal escola foi a mata, “eu cresci dentro do mato, fui criado e num tive leitura não, num tive estudo, porque não teve ninguém que tenha me dado oportunidade; se fosse estudante, era um cara famoso, filho do governador, esses cara grandão... pobre não tinha vez nenhuma... os usineiros mesmo diziam que pobre só tinha nascido pra fumar cachimbo e cheirar peido...”. Desse modo, aquele senhor apontava algo em que muito acredito: a educação da vida... como o ser humano, pelo simples fato de estar vivo, pode ser peça fundamental num grande jogo de troca de ensinamentos e aprendizagens... com os outros, com a natureza ao redor, com a própria vida... sem querer menosprezar o papel da escola, percebi mais uma vez que muitos saberes passam longe dos bancos das salas de aula... ali estava um forte exemplo disso...

No decorrer da conversa, muitas informações e ideias foram trocadas. Em um dado momento, questionei sobre o açude, se lá poderia ir. Explicando a importância daquela água para Recife, pois se trata da principal fonte de água potável da cidade, a resposta que

me fora dada foi “Se pode ir pro açude!? Você pode tudo, só num pode é tratar mal a natureza de lá...”; tal resposta foi exatamente na linha de algo que eu tenho em mente... a relação de proibição não cura problemas; o que é necessário é muito mais uma sensibilização das pessoas, com o intuito de que elas se (re)sintam natureza e tomem uma consciência maior sobre o seu “estar no mundo”. Embora tenhamos animado para ir ao açude no dia seguinte, infelizmente, o nosso “guia” não poderia nos acompanhar, já que domingo, “religiosamente”, é o dia do forró no Bar da Curva, lugar ao qual Beiramar presta alguns serviços e sempre vai curtir, junto com vários outros senhores trabalhadores que moram no bairro, o “Forró dos Coroas” no fim da tarde de domingo.

Dessa maneira, tendo em vista que, durante a semana, Beiramar trabalha em seus serviços, deveríamos entrar na mata e buscar o açude por conta própria. Então, na terça-feira seguinte, resolvemos andar na mata em busca do tal banho de açude; caminhamos bastante até chegarmos à frente de um posto de segurança, onde seria a entrada para a trilha. Logo nos foi dito que era proibido o acesso àquela região, tendo em vista que o açude deveria ser preservado e, portanto, chegar até ele e banhar-se era algo fora de cogitação.

De certa forma, isso era algo que já esperávamos. Teríamos, então, que aumentar nossa caminhada e rodear por outras trilhas caso realmente quiséssemos ir até o local. Foi o que fizemos... andamos bastante, passamos por algumas comunidades, com casinhas muito simples, envolvidas por uma natureza exuberante.

Assim, o entrarmos na mata, logo chegamos a um lugar maravilhoso, o Açude do Meio; fiquei impressionado com o que avistei naquela área: árvores imensas, floresta fechada, uma natureza forte... lá, vi muitas palmeiras de açaí, de buriti, de dendê, de macaíba, além das antigas árvores típicas de nossa Mata Atlântica, como Sucupira Roxa, Cajeiro, Imbiriba, Angelim de Morcego, Café da Mata, lacre, Carolina, Pau Rei, Cajazeira, Imbaúba... no centro desse cenário, um grande açude encantava mais ainda o lugar. Após uma boa contemplação, seguimos nossa “exploração” pelo espaço, sendo guiado (por vezes, atrapalhados) por Cainã. Caminhamos mais um pouco, em meio a trechos que tinham um aspecto mais pantanoso, passamos por outros corpos d’água, até que chegamos ao falado Açude do Prata...

Uma imensa lagoa, construída há muitos anos, em época colonial, com água de nascente, dos diversos olheiros que há na região. Às suas margens ainda se encontra um

antigo casarão em ruínas, velha propriedade do “dono” de toda aquela terra. O mergulho nas águas cristalinas, o grande verde visto na área, além dos peixes que nos rodeavam, trouxeram uma limpeza profunda, do corpo e do espírito... Perto de a noite vir, tomamos a trilha voltando... essa não foi uma boa idéia, considerando que nos perdemos algumas vezes na mata; no entanto, com calma e um pouco mais de caminhada, chegamos à primeira comunidade, relativamente próxima de casa. Já no lar, músicas, partilhas e uma boa sensação de leveza...

Para nossa surpresa, no dia seguinte bem cedo, Beiramar veio nos fazer uma visita. Feliz ficou ao saber que tínhamos ido ao açude, andado na mata; contudo, eu sentia que muito diferente seria caminhar ali em sua companhia, com seus ensinamentos e saberes. Isso foi o que propus: voltar a Recife em breve para que pudéssemos fazer essa trilha com ele, para aprender um pouco mais sobre aquela mata, além de coletar açaí.

Os dias em Recife se passaram de forma inusitada... ter conhecido esse camarada me despertou boas idéias... apesar de ter ficado mais dias do que planejara, precisava voltar a Natal, aulas/encontros para ministrar e outras atividades me aguardavam. Muito feliz eu me sentia com aquela descoberta, um presente que a vida havia me dado... tinha certeza de que deveria “passar para o papel” as vivências junto a Beiramar, o conhecedor da Mata de Dois Irmãos, resistência pura dentro da capital pernambucana...

As pessoas com quem eu falava sobre esse encontro, sobre o açaí de Recife (considerando também a questão simbólica disso) pouco davam credibilidade, pois a idéia que predomina é que floresta mesmo só na Amazônia... “Quem já se viu floresta e açaí em Recife?!”... isso foi o que mais ouvi...

Em menos de um mês, eu já estava de volta a Recife, cheio de vontade de reencontrar a irmandade e caminhar na mata com Beiramar. Entretanto, como não havia avisado antes que estava indo, o mestre estava em dias de intenso serviço, trabalhando em construções no bairro, isto é, sem tempo para irmos a nossa jornada. No entanto, como diz Fernando Pessoa, “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”... e assim, muito válida foi essa ida a tal cidade, posto que várias outras idéias e sonhos puderam ser partilhados. Um outro camarada, Piraju, que morava vizinho a Cainã, havia vindo de Belo Horizonte para estudar por um tempo na UFPE... conversa vai, conversa vem, começamos a divagar acerca da questão indígena, algo que despertava interesse tanto em mim quanto nele. Enquanto ele falava de suas vivências entre os Índios Pataxó, em Minas Gerais, eu

comentava algo sobre as minhas entre os Atikum (Pernambuco) e os Potiguaras (Rio Grande do Norte e Paraíba). Conseguíamos ver como, na essência, muita coisa se repetia, costumes semelhantes estavam presentes nas etnias conhecidas, desde o fato de as crianças sempre andarem em bando e se acompanharem em seus banhos de rio ou açude, até as relações que os indígenas possuíam com o seu tempo, o seu cotidiano, seus rituais e natureza. Foi quando Piraju me contou uma história que muito me fez refletir... disse que certa vez, conversando com um cacique Pataxó acerca da situação dos povos indígenas hoje, o processo de intervenção cultural por que passam, a “imposição” de uma outra forma de pensar, agir e lidar com o ambiente, havia perguntado sobre a diferença entre o índio e o não-índio. A resposta do ancião para ele foi: “Meu filho, quando um não-índio vem aqui na aldeia ou em qualquer outro canto, e encontra a gente passando bons momentos fazendo nossas flechas para ir caçar nosso alimento, ele logo pensa ‘Índio preguiçoso, devia parar de fazer artesanato e ir trabalhar...’”.

Continuamos nossa prosa, quando Piraju falou de sua pretensão de fazer um filme na região de Dois Irmãos, só não sabia sobre o que exatamente. Foi quando, com base nessa lição e em sabedorias indígenas, falamos sobre como tais saberes e costumes ainda se encontram inerentes, imbricados à forma de vida de alguns povos, comunidades, que resistem a uma padronização do ser e do pensar que domina o mundo. Essa poderia ser a temática do filme... e o melhor, era algo sobre o que eu desejava abordar em um futuro/breve escrito, então poderia haver uma relação de complementaridade aí: eu, com o estudo mais teórico e reflexivo acerca do assunto, e ele, com a parte prática do vídeo, filmagens e edições... “Mas como será feito? Com uma pessoa? Uma comunidade?”... eis a nossa questão agora... De repente, chegou à casa Beiramar; foi quando deu aquele “estralo” e nos entreolhamos, eu e Piraju... era como se a resposta tivesse chegado facilmente... poderá ser um filme que aborde essa temática de saberes milenares que resistem frente à uniformização e estão diluídos em alguns focos da sociedade, e ainda, Beiramar seria a nossa principal referência. Comentamos da idéia com ele, que ficou bastante feliz... senti que esta felicidade veio do simples fato de que se sentiu importante, alguém estava disposto a gravar um filme com/sobre ele, seus saberes e suas histórias da mata... um orgulho em ser reconhecido pareceu ter chegado até nosso mestre, o que também nos encheu de gratidão.

Como uma forma de mostrar para nós que havíamos feito uma boa escolha ao chamá-lo, Beiramar se pôs a falar sobre sua infância, desde o seu nascimento, afirmando que nem para a maternidade havia ido, pois seu parto fora em casa, pela sua própria avó, Dona Ritinha. Falando nos mais velhos, dizia como o seu avô era um grande curandeiro e fazedor de remédio da mata, sua casa era repleta de garrafas, com as folhas e raízes que imaginar, cada uma com função de tratamento e cura diferente. Segundo Beiramar, para conhecer a mata era preciso muita andada, muito cuidado, tempo de dedicação, e bons professores, pessoas dispostas a partilhar os segredos da floresta... e seu avô era muito dedicado a isso... Marcamos, enfim, uma outra data para que eu voltasse a Recife e pudéssemos fazer nossa jornada...

Como tudo na vida, essa data estava sujeita aos acasos e surpresas que viessem a acontecer. E realmente foi isso mesmo que aconteceu... voltando do Encontro Regional de Agroecologia, realizado em Aracaju, Sergipe, de carona em um ônibus da Universidade Federal Rural de Pernambuco, fiquei uns dias em Recife. Era bem no começo do mês de maio, quando reencontrei os amigos que lá moravam.

Passados dois dias que estava na cidade, num belo início de tarde duma quinta-feira, Beiramar chegou à casa para pegar um material que lá havia deixado. Quando me encontrou, muito ficou surpreso, assim como eu, e, aproveitando que estava com um tempo livre naquele momento, convidou-nos para ir andar na mata. Bicicletas a postos, lona para a coleta de açaí, sacolas... partimos rumo à nossa tão falada/esperada aventura...

Logo na entrada, podíamos perceber que ali era um espaço que algumas pessoas freqüentavam, pelo menos a parte logo do início da mata, já que dali pra frente era preciso realmente conhecer para não se perder... alguns materiais jogados, lixo, resquícios de usos de drogas, eram algumas das coisas vistas no local que marcavam a presença humana na área. Entretanto, com pouco tempo de caminhada, o cenário já mudava, passando a um verde muito forte e vivo... mudas de árvores eram vistas brotando do solo sempre molhado... “aqui estamos em cima do açude, pisando nesse chão de terra e raiz, mas embaixo é só água; você pode emendar três varas de cano e ainda assim num encontra o fundo...”, explicava-nos Beiramar. Abundância era a palavra que mais impregnou em minha cabeça... tudo muito... muita riqueza, muita diversidade de plantas, muitos sinais de muitos animais, muita água, muito buriti, muito açaí... “Aqui é a ilha do açaí, onde tem a maioria dos pés... mas num só tem aqui não, tem mais pra acolá também... lá do outro lado,

é a ilha do buriti, lugar onde as capivaras vão comer e descansar...”. E, tentando nos situar mais no meio daquela imensidão verde, apontando para outros locais, completou: “também tem as macaíbas, fruta pão, jaca, bambu, banana, mamão, cajá, dendê... o que você quiser... é tanto que num dá pra pegar, amadurece e se estraga... dá pra fazer até perfume das coisas daqui, fazer tudo”. Caminhamos mais um pouco até chegarmos a grandes pés de açaí... Beiramar olhou, estudou como faria para coletá-los e, com grande facilidade, pôs-se a subir nas palmeiras...

Apresentando informações acerca do lugar, sua infância subindo nas árvores da região, ensinamentos que havia tido com os mais antigos, mitos e histórias que envolviam aquela mata, Beiramar já havia conduzido um bom passeio/aula conosco. No entanto, ainda queria nos mostrar uma outra parte da mata; deixamos, então, a nossas sacas de açaí bem escondida e seguimos a caminhada... equilibrando-se em troncos e passando por lugares bastante fechados, entramos mais ainda na floresta, até chegar no Açude do Meio, só que agora na margem do outro lado da que tínhamos ido da primeira vez, sem ele... aqui, para mim, foi o grande momento da nossa aula... Beiramar passou a falar mais das árvores ali existentes, as propriedades de cada uma, dos animais, como o Tucunaré, as piranhas, o Aparari (um peixe com desenho de um olho no rabo), além dos grandes jacarés, que, segundo ele, possuem a figura de uma borboleta em sua cauda e podem facilmente ser vistos aos montes durante a noite... “eu venho muito aqui quando tá escuro, a noite, mas num trago ninguém não, porque é perigoso, tem muito jacaré e é muito complicado de andar... é só pra quem conhece mesmo”.

Falando de como acompanhava as mudanças no local, as árvores que nasciam, as que morriam, a riqueza contida entre aquelas folhas, cascas e madeiras, Beiramar demonstrou profunda revolta (e tristeza) quando tocou em um assunto: o lixo. Afirmou que algumas áreas ali estavam sendo tomadas por excessos de plásticos, ferro e outros materiais, jogados principalmente, conforme ele, pela própria companhia de água do estado de Pernambuco. Na época, eu havia lido o livro de Stéphane Hessel, *Indignai-vos*, e só pensava em um trecho em que o autor diz desejar que cada um de nós tenhamos um motivo de indignação, sendo isso precioso. Percebi que aquele senhor, o mestre Beiramar, havia encontrado essa razão para indignar-se: o local onde cresceu, de onde tira seus remédios, onde a natureza vibra fortemente, estava, aos poucos, sendo ponto de despejo de lixo. Para fechar nossa caminhada, nos levou para realmente vermos um local onde o lixo se

acumulava... era triste, deu raiva... uma situação extremamente insustentável... como ele disse, muitos resíduos, principalmente plásticos, jogados em meio às árvores, provocando uma confusão na própria paisagem...

Era hora de voltar para casa e preparar a polpa do açaí... lavamos, separamos, tiramos alguns que poderiam não estar bons, e começamos a segunda parte do serviço... batemos bastante o açaí num grande balde com água, até extraímos toda a polpa... as sementes que restaram, Beiramar se encarregou de guardar para levar de volta à mata... “eu planto e garanto que amanhã teremos mais açaí”... no final, passando a polpa pronta nos cabelos para que, segundo ele, crescessem fortes, afirmava que enquanto existisse açaí, nunca mais deixaria de tomar... “Eu sentia muita dor nas minhas pernas, os ossos enfraquecidos, é quando vai ficando veio, né?! Tem que comer muito essas coisas, que tudo vai pro sangue pra conservar.”

Com bastante polpa pronta, fizemos uma divisão e cada um ficou com uma boa quantidade... toda manhã, quando um copo de suco era tomado, eu poderia sentir o gosto daquela floresta, com toda sua beleza e mistérios, saberes e curiosidades do povo que nela/dela/com ela convivem...

Certamente, grandes ensinamentos foram passados... qualidades pouco vistas atualmente, como solidariedade, simplicidade, respeito à natureza, sentir-se natureza, felicidade por no meio dela viver, descontração e força de vontade e trabalho, foram transmitidos a todo momento por Beiramar. Sempre que posso, vou a Recife para encontrar a irmandade e ouvir um pouco mais das lições do mestre...

O tal filme, de que falei anteriormente, ficou pronto, foi feito, maravilhoso, emocionante, fiel à sua idéia inicial. Por questões de tempo e atividades, não pude participar de sua produção, no entanto, fiquei feliz com o resultado final...

Por fim, encerro esta narrativa de uma ilha de resistência, com as palavras do próprio Beiramar, quando conta ao final do documentário, falando de si: “Sou um cara que não teve estudo na vida, mas Deus deu inteligência, de tudo... de conhecer tudo... de mato, de frutas, de ervas; hoje em dia eu num morro mais de fome, enquanto tiver dois braços e duas pernas pra andar no mundo, minhas ferramentas, estou bem...”

Gratidão, alegria e indignação pulsam neste senhor...

Salve salve, Beiramar!!!



Com o centro de Recife bem longe, no bairro Dois Irmãos observamos casinhas simples e muito verde... temos árvores carregadas de frutos... temos bananeiras, e dendê.... ... temos Beiramar e sua sacola de Macaíba, suas conversas e lições enquanto descasca para nos oferecer...



... ao lado da entrada da Mata já fica a pista, onde antigamente beirava o açude, mais cheio e menos afetado por tanto lixo, o qual as pessoas passam em seus carros e atiram para a floresta... ... entrando na mata, Beiramar vai nos guiando... pára e observa uma palmeira de açaí...



... e se põe a subir facilmente... mas claro, uma parada no galho para contar uma história...



(Acima e abaixo: foto de Guilherme Piraju)



... já com os pés em terra, um momento para exibir os cachos coletados, antes de começar a extrair somente o açaí... com o fruto no cesto, era a hora de caminhar até o Açude do Meio...



... com a chegada ao Açude, Beiramar externou sua incompreensão acerca do comportamento humano, sua indignação por tanto lixo ser observado dentro da mata, fonte de alimento, saúde, purificação e vidas...



... na volta para casa, começamos o a extração da polpa do açaí, colocando-o num grande balde e mexendo com um “improvisado” cabo de enxadeco... finalizada a mexida, veio o momento de peneirar... estava pronta a polpa do açaí, riqueza e força da natureza...

## **ENSINAMENTOS DO CAIPIRA GAÚCHO**

*“(...) a área é nossa, mas o rio é de todos, né?!  
Então vocês podem ir a vontade, a gente num impede não...  
e tem mais, se tiverem com fome, podem comer aí...”*  
(Dona Belmira)

Para falar desses aprendizados, preciso, de início, mostrar algo sobre essa ida ao Rio Grande do Sul. Primeira vez pisando nessa região do país; expectativa de frio e grandes diferenças culturais. O curso, PDC+20, pretexto pelo qual estou aqui, celebrava 20 anos de Permacultura no Brasil e reuniu lindas pessoas, de mais de dez estados do Brasil, cada um com seus costumes, sotaques e energias. O local deste encontro: Rodeio Bonito, uma cidade pequena, agradável, de gente simples e hospitaleira.

Pois bem, cheguei à cidade na sexta pela manhã, dia 25 de maio de 2012, após duas madrugadas viajando. Daqui a mais de 5000 km está Natal, de onde eu vim. Logo neste primeiro dia, participei do curso, em Pinhal, município vizinho. No dia seguinte, optei por “colocar o sono em dia”, recuperando-me do cansaço prolongado, e dormi um pouco mais; no entanto, no período da tarde, fui com uns irmãos ao Rio da Várzea, um dos belos corpos d’água da região do Alto Uruguai.

Pedindo informações e seguindo o caminho, chegamos a uma casinha simples, linda, onde morava um casal e vários animais. Neste momento, estávamos em um grupo com aproximadamente 12 pessoas, todas, certamente, bem diferentes do que Seu Neidom e Dona Belmira estavam acostumados a ver. Mas esse fato não diminuiu nem atrapalhou a magia do encontro... sorrisos, apertos de mão e curiosidades (não expressas, apenas sentidas) foram marcantes.

“Para vocês irem ao rio, têm que passar por aqui... É, a área é nossa, mas o rio é de todos, né?! Então vocês podem ir a vontade, a gente num impede não... e tem mais, se tiverem com fome, podem comer aí...” comentou Dona Belmira, apontando para os coloridos das árvores carregadas de frutas. Agora, com as porteiras do curral abertas e o fio elétrico desligado, fomos convidados a atravessar entre os animais e avistar mais um presente da natureza. O rio, margeado por uma linda e exuberante mata, era morada de muitos pássaros, formigas e peixes... porcos, vacas, bois, galinhas, galos, porquinhos, aranhas, mosquitos, cachorros: foram alguns outros animais que pude observar

embelezando o local. Laranja, bergamota, limão, entre vários outros frutos até então desconhecidos por mim, completavam o cenário. Após banhos na água friíssima e contemplações do local, estávamos agora num grupo de cinco pessoas, celebrando a vida e cuidado do corpo, da mente e do espírito. Aqui, Seu Neidom, encucado por não mais ter visto movimento nas águas do rio, veio nos procurar, e, encontrando, falou: “Ahh, estão orando?” Esta sensibilidade e entendimento me chamaram a atenção... “Quer dizer que ele comprehende a oração, o sagrado junto à natureza”, pensei. Respondendo a esse meu pensamento, ele sentou sobre um monte e acendeu seu cigarro de palha, com um fumo bastante cheiroso, picado no dia anterior. Esta cena, para mim, aparentou tamanha harmonia com aquele espaço; logo me veio à memória o poema do velho Fernando Pessoa (2009), sob o heterônimo de Alberto Caeiro:

Não acredito em Deus porque nunca o vi.  
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,  
Sem dúvida que viria falar comigo  
E entraria pela minha porta dentro  
Dizendo-me, *Aqui estou!*  
(...)  
Mas se Deus é as flores e as árvores  
E os montes e sol e o luar,  
Então acredito nele,  
Então acredito nele a toda hora,  
E a minha vida é toda uma oração e uma missa  
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos  
(...)  
E por isso eu obedeço-lhe  
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?)  
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,  
Como quem abre os olhos e vê,  
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,  
E amo-o sem pensar nele,  
E penso-o vendo e ouvindo,  
E ando com ele a toda hora.

Após contemplações e pensamentos, Seu Neidom virou para nós e disse: “Essa é a hora em que o porcão desce, bebe água no rio e vai namorar...” e soltou uma bela

gargalhada. Antes de se retirar, completou: “só não desceu ainda porque vocês estão aí, na passagem dele...”; isso muito me fez refletir acerca da relação que aquele senhor tinha com a natureza dali. A lógica do sensível se mostrando bastante latente no contexto.

Passado um tempo, após Yoga, capoeira, meditação, “curiada” no namoro dos porcos, fomos saindo. Quando passamos em frente à sua casa, ele sentado em uma mesinha, e ela do lado de fora, foram logo nos chamando para entrar e jantar. Imaginem só, algumas tantas bocas a mais para se alimentar... quando negamos e agradecemos o convite, falaram que era bobeira nossa, corrimos o risco de chegar lá e já ter toda a janta acabado.

Chegando à cidade, sentia-me muito feliz e agradecido... à vida e seu fluxo... por ter me apresentado aquele lugar e o abençoado casal.

Passaram-se as atividades noturnas do evento, e, após uma boa dormida, mais um dia se levantou... acordei com uma sensação de que deveria voltar ao rio, e isso aconteceu... Após o almoço, descii, sozinho, pois, enquanto os companheiros de curso ficaram para ver as palestras, meu coração dizia para eu ir. Quando lá cheguei, já fiquei encantado, estavam o casal e mais umas cinco pessoas... Seu Neidom fazia pegar um velho carrinho, diferente de qualquer outro que eu já tivesse visto. A família dava risadas pela dificuldade do auto em ligar o motor. Cumprimentei todos e passei ao rio...

Fiquei admirando o local e tentando entender um pouco de sua dinâmica; novamente, muitos pássaros cantando, o sol brilhando... passado um tempo, veio um porco ao meu lado, beber água, banhar no rio e após, curiosamente, buscar a fêmea para “namorar”... para muitos, um comportamento impulsivo, primário, animal, para mim, consciente, tranquilo e harmônico... isso só percebi ao observar...

Após uma bela tarde, quando achei que já havia sido muito agraciado, o mais forte e marcante ainda estava por vir. Antes de sair, fiquei um tempo parado, contemplando a dinâmica do “curral”, com os movimentos dos porcos, do gado, das galinhas, dos cachorros, verificando como eles conviviam ali de uma forma tão divertida de se ver e, aparentemente, em plena harmonia. Atravessei o espaço para ir subindo a serra e voltar ao alojamento na cidade, mas ainda parei para admirar mais um pouco aquela cena. De repente, escutei alguém me dizer: “Ei, para de olhar as vacas e vem olhar pra nós, senta aqui”. Com um jeito peculiar de falar, Seu Neidom me convidara a fazer companhia a ele, Dona Belmira, Seu Jandir, Dona Neuza e mais um casal e uma mocinha. Acontecia uma conversa animada no terraço, com um sotaque carregado, uma voz firme e alta, decorrente

de sua descendência italiana. Foi um momento muito forte, onde pude conhecer um pouco mais daquela família, onde todos proseavam com alegria, sorrindo levemente. Conversamos sobre a forma de falar, os sotaques, as distâncias entre nossas casas (do Rio Grande do Sul para o Rio Grande do Norte)... ouvi Seu Neidon falar de uma viagem que havia feito ao “Mato Grosso do Norte”, como afirmava. O que me chamou atenção, caros amigos, foi que ele falava com bastante satisfação sobre essa viagem, que durou um mês, há aproximadamente 23 anos. Para mim, era tudo muito intrigante, razão para boas reflexões, aquelas pessoas, que a mais de 60 anos vivem naquele lugar, direto, observando aquele “mundo”, ligado àquela dinâmica, lendo e sentindo aquela natureza. Em sua maioria, vindos da Itália, Polônia e Alemanha, entre os séculos XIX e início do XX, os pais daquelas pessoas começaram a povoar a área, formando as colônias européias.

Sobre os movimentos de yoga e capoeira que havíamos feito no dia anterior, eles questionavam o que era aquilo, se não nos machucávamos ao fazê-los. Essas diferenças culturais muito me impressionam, instigam a estar nesses espaços e beber em fontes diversas.

Com a noite já para cair, Seu Jandir e Dona Neuza anunciaram que iriam embora, “subir a serra, rumo à cidade”, como costumam dizer. Pedi uma carona, o que foi logo concedida. Aqui, vivenciei um dos momentos mais felizes e intensos, até então. Subir a serra, num clima frio, agradável, dia indo e noite vindo, na caçamba de uma carretinha agrícola, que creio não passava dos 10km/h... algo inédito para mim, o que me deixou extremamente grato à vida.

Recebendo informações históricas, espaciais e sociais, fornecidas por Dona Neuza, numa conversa que deixava clara a curiosidade e as inquietações de minha parte, e a calma e conhecimentos por parte dela, pude compreender um pouco mais dali. Monoculturas fortes e envenenadas de soja e trigo, principalmente, marcavam a paisagem das serras. Fato curioso foi quando íamos subindo e ela apontou para uma área ao longe e comentou: “Ó, ali são os índios... estão na outra margem do rio.” Isso me remeteu a uma questão histórica, que aprendemos desde cedo nas escolas: indígenas de um lado, europeus do outro, um rio dividindo-os. No entanto, segundo ela, viviam em harmonia, porém sem tanta interação.

Deslumbrado com o “passeio-carona” e as ideias trocadas, cheguei à cidade, onde fui reencontrar o grupo. Sentia meus pés fora do chão...

No dia seguinte, troquei o almoço por mais uma descida ao rio. Estava ansioso para reencontrar o casal, pois havia combinado que ele iria me ensinar a picar fumo, de sua produção. Lá chegando, tive uma surpresa, que me deixou meio preocupado: Dona Belmira caminhava do lado de fora da casa, com uma feição não muito amigável. O trabalho na roça, a dedicação ao trabalho diário com a terra, realmente cansa, e era isso que ela afirmava. Mais uma lição, talvez até sem querer, ela me passou com a sua reação: cuidado com suas expectativas. Fui lá, achando que iria encontrá-los com o sempre presente bom-humor, prontos para uma prosa e alguns sorrisos. O fato de termos ficado jogando “papo pro ar” por um bom tempo durante o dia anterior, não garantia que no dia seguinte a disponibilidade seria a mesma... aquelas pessoas tinham tarefas a cumprir.

Já no rio, me pus a refletir sobre o “tempo”, do mundo e da natureza, percebi que nem sempre o ritmo de vida das pessoas seguem juntos a todo momento, mas sim, pode convergir agora e divergir já na sequência. Logo me veio à mente os ensinamentos de Seu Apolinário, transmitidos e narrados por Daniel Munduruku (2009), que diz:

Hoje você aprendeu ago novo. Nunca se deixe levar pelo barulho interior. A gente tem que ser como o rio. Não há empecilho no mundo que o faça sair de seu caminho. Ele caminha lenta, mas constantemente. Ninguém consegue apressar o rio. Nunca ninguém vai dizer ao rio que ele deve andar rápido ou parar. Nunca apresse o rio interior. A natureza tem um tempo, e nós devemos seguir o mesmo tempo dela.

Ali, fiquei observando maravilhado a família de porcos, enfileirados, indo ao rio se banhar, tomar água e sol, e brincar. Os animais pareciam estar em plena interação, felizes naquele lugar, em harmonia entre si, com o ambiente e seus “donos”. Com a chegada de mais alguns companheiros, fizemos uma fogueira para celebrar o pôr-do-sol. A noite chegou e resolvemos voltar ao curso, jantar e executar algumas atividades. Antes, no meio do caminho, paramos para desejar uma “boa noite” aos dois anfitriões.

O semblante havia mudado, o rosto cansado e não tão amigável de poucas horas atrás dava lugar a um sorriso alegre e convidativo. Logo fui entrando na casa, seguido por outros companheiros. Naturalmente, de início, ficamos os homens conversando com Seu Neidon, enquanto as mulheres acompanhavam Dona Belmira. No fim das contas, para encerrar a história, perdemos a janta e a palestra do curso, passamos horas na companhia

do casal, conversando, rindo, aprendendo e ensinando. Nesta noite, quem não bebe álcool, tomou cachaça, quem não come carne, os vegetarianos, comeu salame de porco, ambos, vale salientar, feitos em casa, pelo Seu Neidon, além de fumar um bom fumo de corda da região. Assim, a conversa rendeu e muita partilha ocorreu.

Após essas vivências, muito já me sentia agradecido por mais esse presente que a vida estava me oferecendo. Feliz e satisfeito por ter tido a oportunidade de conhecer mais esta *ilha de resistência*, essas pessoas que muito me ensinaram, pelo exemplo de humildade, simpatia, hospitalidade, pessoas simples em um ambiente harmônico e rico, repleto de verde, frutas e animais. As portas estavam abertas para nos, até então desconhecidos, o “pouco” que ali havia, conosco fora dividido, partilhado; sensibilidade em relação ao meio, às pessoas, valores, aquele casal demonstrou ter bastante.

Precisava, ainda, voltar ao rio para de me despedir... do lugar, dos amigos, dos sorrisos ali soltos... fazia uns 4 dias que não ia lá, e, estranhamente, sentia saudades. Já era a sexta-feira, um dia após o término do curso, restávamos poucos do grupo maior. Descemos ao rio e, lá chegando, avistamos Dona Belmira, cuidando dos animais... uma linda imagem...quando me viu, falou sorridente: “Ainda não foste embora, seu traste?!”. Como resposta, eu disse que só havia ali voltado para dar-lhes um abraço, afinal, não poderia ir embora sem antes desejar um “Até logo”. Após um banho frio no rio e uma breve contemplação/oração do/ao ambiente, chegou a hora de ir subindo a serra, pois iria viajar naquela noite. No entanto, antes, ainda havia espaço para mais umas conversas, risadas, cachaça e apresentação do rústico alambique onde Seu Neidon a produzia, era o momento... um fraterno abraço foi trocado, o que me emocionou. E, para completar o que já estava bom demais, ouvi do companheiro, com seu sotaque italiano/gaúcho bastante carregado: “Gostei muito de ter recebido sua visita, de ter te conhecido... agora já sabes o caminho, onde eu moro, então quando voltar, é só chegar que as ‘portas’ estão abertas”.

Subi pela estradinha de barro admirando a lua cheia que iluminava o caminho, e com o coração muito agradecido por toda aquela magia que ali tinha vivido... repito: ligação espiritual com a natureza, simplicidade, harmonia, tranquilidade ali foram partilhada intensamente...



Para chegar ao rio, tínhamos que sair do centro da pequena cidade de Rodeio Bonito e caminhar descendo por uma estradinha de barro, onde ao fundo já víamos o corpo d'água; outra possibilidade seria conseguir uma carona numa carretinha agrícola... as cores encantavam o caminho, com muitas flores e frutos... bênção da natureza...



... após um boa caminhada, avistávamos primeiramente o alambique, onde Seu Neidom produzia sua cachaça; ao lado, a casinha do casal, linda, toda cor de rosa... por algumas vezes, ele estava nas margens do rio, ou olhando os porcos ou em seu momento de reflexão e oração junto à Mãe Natureza; enquanto Dona Belmira cuidava das galinhas e das vacas no grande e aconchegante curral...



(Foto de Pablo Ribeiro)



... da casa do casal, atravessávamos o curral para chegar ao rio... já em suas margens, podíamos ver a beleza daquela casinha, rodeada de verde, animais, frutas...



... lá, após tanta hospitalidade, ficamos bem a vontade para jogar capoeira, músicas, fogueiras, celebrações... sempre em harmonia com os animais que lá já estavam, passeando, mamando ou dormindo calmamente...



... após a bênção do rio, convite feito para entrarmos na simples casa de Seu Neidom e Dona Belmira... boas e sinceras conversas, regada a salame e fumo de corda, seco na chapa quente do fogão... Agora sim, retornávamos renovados, de corpo, mente e espírito, para as atividades do curso...

## NO VÔO DO BEIJA-FLOR

*“Força da Paz,  
cresça sempre e sempre mais,  
que reine a Paz e acabem as fronteiras,  
Nós somos UM”  
(Domínio Público)*

Para alguns, um despertar; para outros, um mero encontro; para outros ainda, uma viagem de férias; para mim, tudo isso em uma semana. O ENCA, Encontro Nacional de Comunidades Alternativas, ou Encontro Nacional das Comunidades Arco-Íris, ou Encontro do Arco-Íris, ou ainda algum outro nome que venha a surgir, merece ser narrado nessas páginas que mostram espaços de resistência. A princípio, isso pode parecer estranho, ter um encontro, onde as pessoas buscam partilhar a Paz e o Amor, como algo de “resistência”, mas logo o motivo deve ser compreendido.

Já concretizado e fazendo parte do calendário de pessoas que sonham com um mundo diferente do que se vê, o evento teve, agora em 2012, a sua 36ª edição. Acontecendo anualmente, em data dependente da Lua, o ENCA, a meu vê, funciona como um encontro que possibilita vários outros (re)encontros. Oficinas, construções, conversas, palestras, meditações, música, artes circenses, pinturas, teatro, rituais: tudo faz parte da programação que vai sendo construída durante a própria semana. Algumas regras, ou melhor, acordos, são estabelecidos entre os participantes, tais como: alimentação natural, vegetariana, não ingestão de bebidas alcoólicas nem drogas químicas e respeito às diversas formas de vida presentes no local, são as mais lembradas.

Refiro-me a acordos, porque as decisões são tomadas com base no consenso, para que todos saiam satisfeitos, cientes de que sua opinião foi acatada, sem a sensação de “voto vencido”. Isso, por si só, já é um processo “atípico”, diferente do que é visto no mundo hoje, em que as decisões são tomadas com base no querer de alguns poucos escolhidos, ou num sistema de votação em que se escolhe o desejo da maioria; e, vale salientar, se há uma maioria, há uma minoria, que tem suas vontades reprimidas. O consenso implica, ainda, no estabelecimento de diálogos, por vezes, longos e cansativos, mas presentes e respeitados. Isso faz com que qualquer um que ali esteja possa mostrar sua opinião, sem restrições ou hierarquias.

O local? Cada ano ocorre num diferente, escolhido na edição anterior do encontro. São propriedades de participantes, de preferência longe de grandes centros, com capacidade para abrigar, em acampamento, cerca de mil pessoas, e com água em abundância, tanto para o banho dos participantes quanto para se beber e cozinhar os alimentos. Estes são feitos nas cozinhas comunitárias, por uma equipe de voluntários que diariamente se prontificam a trabalhar para todos. Desse modo, é feito uma grande estrutura, com fornos e fogões de barro e a lenha.

As construções, a seu modo, possuem bases ecológicas, principalmente com material encontrado nas regiões, bambu, barro, madeira, palhas, etc. Normalmente, além da cozinha, são construídos alguns espaços já marcantes em tais encontros. A Tenda das Crianças é o local de interação dos pequenos, onde os voluntários desenvolvem atividades, brincadeiras, artes, valorizando a criatividade e as habilidades demonstradas por cada um. A criançada, certamente, dá um brilho diferente ao encontro. Na Tenda da Lua, concentram-se as mulheres, para discutirem questões ligadas ao Sagrado Feminino, e partilharem suas experiências e dúvidas. A Tenda da Cura é o espaço dedicado às medicinas: massagens, tratamentos energéticos, chás, florais, além de outros produtos naturais, fazem parte da lista de “serviços” que ali são partilhados. Na Sauna, geralmente construída com barro e aquecida pelo vapor de uma água fervente, encontram-se aqueles que optam por relaxar o corpo na alta temperatura, antes de dar um bom mergulho no rio.

Há, ainda, a Grande Roda, onde os participantes se reúnem antes das refeições, para fazer suas preces, repassar os informes e agradecer (a)o alimento que será servido em seguida. É um importante momento, em que está reunida a maior parte da irmandade ali presente, formando um grande círculo de louvação, alegria e emanação de positividade. Esses sentimentos podem ser observados a todo instante, e ressaltados nesses espaços de reunião, quando se cantam músicas com temáticas que retratam bons sentimentos.

Já chegou a hora de nos abraçar,  
não percamos tempo sem amar.  
Olhe bem pra dentro de você e veja  
um Universo a se conhecer...

Esta é uma das cantigas celebradas com o coletivo, tanto na Grande Roda, quanto na noite, no momento da fogueira sagrada, quando as pessoas se reúnem para cantar,

recitar poesias, fazer música e celebrar. Em volta do fogo, os artistas apresentam seus trabalhos e todos se esbaldam em momentos de paz, amor, partilha e felicidade.

As apresentações dos artistas de circo, conhecidas como o Cabaret Cultural, geralmente, ocorrem no dia em que o encontro é aberto para a visita da comunidade, que também é quando ocorre a feira de trocas (de produtos, sementes, abraços...), os leilões, com produtos doados pelos participantes, além da exposição dos trabalhos artesanais de alguns irmãos. Este é um dia maravilhoso, em que diversas pessoas que não estão participando do encontro, podem ir conhecer um pouco do que se passa no local, as construções, cozinhas, orações e demais interações. Algo que sempre me chama atenção nos dias de visitas é como as pessoas da vizinhança gostam e se sentem a vontade. São pessoas simples, bondosas de coração, que chegam no espaço do encontro sem pré-julgamentos, embora se deparem com outras em estilo pouco convencional, cabeludos, barbudos, mulheres com longas saias, a maioria com alguns traços de urucum no rosto. Isso, ao contrário do que ocorre nas grandes cidades, em que a estética conta mais do que o que você leva em seu coração, o ter vale mais do que o ser, ainda se vê latente em pequenas comunidades, mais afastadas desses padrões da modernidade. Muito me lembro da frase do Saint-Exupéry, quando, em O Pequeno Príncipe, diz “O essencial é invisível aos olhos”. Essas pessoas que vão visitar o encontro parecem bem conhecer essa divina orientação.

Os participantes, vindos de diversos lugares, do Brasil e do mundo, encontram-se com esta intenção em comum: celebrar a vida e fazer crer que um outro mundo se faz possível, com base na Cooperação, no Respeito, no Amor, na Paz, na Alegria, na Criatividade e na proximidade com a Mãe Natureza. Maiores informações sobre data e local exatos, bem como fotos dos encontros, não são divulgadas abertamente nos meios de comunicação, justamente porque se acredita que chegarão ao evento aqueles que realmente eram para estar ali naquele momento, para fazer e contribuir para a grande festa da vida.

Eu tive o prazer de estar presente em três edições do ENCA, em 2010, 2011 e 1012. No primeiro ano, pouco antes do dia marcado para o início do encontro, eu estava com tudo certo já para a viagem. Como ocorreu no Ceará, relativamente próximo a mim, que estava no RN, eu iria viajar de carro, com outros irmãos; no entanto, uns três dias antes de partir, dirigia eu rumo ao Distrito de Diogo Lopes, em Macau, para uma reunião referente à minha pesquisa desenvolvida no Mestrado em Meio Ambiente, quando de repente o carro

“bateu o motor”. Após um dia debaixo de um forte sol, consegui fazer com que o automóvel voltasse a Natal, guinchado e rebocado, para avaliar o conserto. Diante do susto pelo valor cobrado e da impossibilidade de tê-lo de volta para ainda viajar, cogitei que não iria mais ao ENCA. Mas enfim, por sorte estava enganado, era só o destino brincando comigo, pois dois dias depois seguia viagem, com mais duas pessoas, Walério Guiné e Jéssica, de carona com um amigo que ia ao Ceará, a uma cidade próxima a que eu pretendia chegar. Foi uma viagem tranquila, e, ainda pela manhã, chegamos ao município de Russas, achando que rapidamente iríamos seguir adiante. Por falta de transportes, muito tivemos que viajar ainda antes de aportar, já a noite, em Banabuiu, local onde seria o encontro. Descendo no centro da cidadezinha, logo identificamos outras pessoas que, por um pré-conceito (ou preconceito), achamos que também poderiam ir para lá. Juntos tomamos um transporte, e, depois de uma boa aventura, chegamos ao nosso destino.

Para mim, era novidade, assim como para os dois que estavam comigo. Logo na entrada, havia a recepção, onde nos foram transmitidos os acordos de convivência do encontro, já descritos anteriormente. Após a boa receptividade, escolhemos, no escuro, um lugar para armar nossas barracas, algumas sombras, caso ainda tivessem disponíveis... ah, vale ressaltar que o encontro já havia começado faziam dois dias... com o acampamento pronto, fomos logo à fogueira central, onde muita música, alegria e abraços eram partilhados. No dia seguinte, uma grande novidade: quando acordei e abri a barraca, esperando ver alguns pássaros e uma vegetação do sertão, dei de cara com um irmão, ainda desconhecido, fazendo “suas necessidades” em frente à minha casinha. E por pior que pareça, ele estava certo, já que nós quem tínhamos nos instalado colados com o espaço reservado ao “Cagamor”. Com mais esta recepção (risos), percebi o quanto aquilo tudo deveria ser natural, o quanto eu precisaria me sentir conectado àquele ambiente e agir com uma naturalidade diante de situações que pode nos parecer esquisitas nos dias de hoje.

Caminhando na terra onde acontecia o encontro, pude sentir o sertão cearense, repleto de cactos e solo bem característico, com cascalhos e pedregulhos. O sol “rachava”, e as poucas árvores que tinham na região, ou eram com grandes espinhos ou já estavam sendo amigavelmente divididas pelas muitas pessoas que buscavam abrigo. Um açude servia de ponto de encontro de todos, que usufruíam do local para se refrescar do forte calor.

Um grande ensinamento, que a primeira vista pode parecer banal, transmitiu-me um camarada nos solos do Ceará. Não sei o seu nome nem onde ele nasceu. Conversávamos por um bom tempo sobre a humanidade, a sua relação com os animais, as plantas, entre os próprios homens. Em um momento, ele me questionou, meio indignado, acerca do desejo humano de dominar tudo o que existe ao seu redor, decidir quem morre ou quem vive, o que morre ou o que vive.. “Pense bem, para os homens, tem seres que nascem para morrer, alguns animais; outros, se nascem já são mortos, como as baratas, as tidas ervas-daninhas, e outros, ainda, que não tem nem o direito de nascer, é só ver algumas ervas...”, expôs o irmão. Ouvido isto, olhei para um bonito cacto que estava ao nosso lado e agradeci por estar ali, desfrutando de sua sombra.

Apesar dos quatro dias de vivências no local, que mais pareceram eternidades, tive que ir embora, pois, como se não bastasse já ter chegado depois do começo, tive que sair antes do fim. Muita alegria fora partilhada, boas pessoas conhecidas, construções executadas... só havia deixado o gosto para o ano seguinte...

Em 2011, estava eu no ENCA novamente. Dessa vez, o encontro foi na Bahia. Desci sozinho para lá e, um dia antes de sair de Salvador para me deslocar à cidade onde acreditava ser o encontro, fui agraciado pela vida. Havia ido almoçar, quando reconheci algumas pessoas no restaurante as quais senti que também iriam para lá; resolvi puxar assunto para, no fim das contas, saber onde seria realmente o encontro, pois até então não tinha total certeza. Confirmada minha suspeita, eu estava com o nome do lugar errado, possivelmente iria a uma cidade, quando o encontro seria em outra; mas, como foi dito anteriormente, parece que vai realmente quem tem que ir, assim, as informações chegam naturalmente.

Pois bem, no dia seguinte eu estava na fila do Elevador Lacerda, no Pelourinho, quando me vieram três pessoas perguntando se iria ao ENCA; afirmando que sim, já formamos um grupo desde Salvador para chegar ao destino: Aratuípe. Ferry-boat e vans nos levaram até o local do encontro. Lá chegando, logo pude perceber o quão belo e especial era o lugar. Rodeado de montes verdes, pude sentir que vários animais e frutas estariam presentes. Já distante do grupo, encontrei com um casal de amigos, perto de quem armei minha barraca. No outro dia de manhã, uma surpresa: onde estávamos acampando, que parecia que ia ficar mais isolado, chegou mais um grupo com várias pessoas de São Paulo, e juntos formamos uma alegre e artística “vila”. O rio, um lugar muito bonito, com

corredeiras e bastante verde, uma imensa vegetação. Macacos, peixes, aranhas eram alguns dos animais ali existentes.

Durante os dias de encontro, regados a muito coco e graviola, algumas chuvas caíram, deixando boa parte das trilhas com uma circulação difícil, muito enlameçadas. Apesar dos escorregões e das quedas de algumas pessoas, tudo correu bem. Esse clima, no entanto, não impedia de vermos o lindo pôr-do-sol que o local oferecia. Geralmente na hora em que era servido o almoço/janta, todos, após a Grande Roda, sentavam admirando aquele espetáculo da Natureza, com céu rosa/laranja, azul claro e escuro. Era o momento de alimentar o corpo, não esquecendo de alimentar o coração e o espírito com a gratidão de poder estar ali presente.

Neste ENCA, meus amigos, aconteceu algo que nem eu nem muitas das pessoas que lá estavam vão se esquecer, o que chamarei de “a corrente humana para buscar água”. Vou contar o que foi... mais ou menos pelo meio de uma tarde, alguém percebeu que a grande cisterna construída para o encontro estava quase seca. Algum problema com o cano provocara isso e a solução era buscar água no rio para enchê-la novamente. Parece até simples, mas duas questões devem ser ditas: 1) o rio ficava um pouco longe, então seria bastante trabalhosa essa função para algumas pessoas, principalmente por ter que descer e subir uma longa “escadaria” com as baldes cheias; e 2) o local do rio onde se pegava água para beber era mais longe ainda, sendo algo mais trabalhoso. Foi quando uma das pessoas envolvidas teve a grande ideia: “Vamos juntar todos e fazer uma corrente que ligue daqui ao rio... assim o trabalho é facilitado e mais eficiente”. De repente, uma gritaria de convocação se iniciou e, em pouco tempo, via-se quase trezentas pessoas (ou mais), enfileiradas, fazendo circular de lá pra cá e daqui pra lá vários recipientes. Subiam cheios, desciam vazios, inúmeras vezes, até que a grande cisterna pudesse ser completa. Isso tudo, com muito sorriso no rosto, muita música, muita alegria, o que deixou o trabalho ainda mais bonito. Observei tudo de longe, pois estava trabalhando na construção de uma esteira de bambu para as crianças, e quanto mais eu via aquilo fluindo, mais eu me emocionava... lindo o trabalho coletivo, linda a força da cooperação e da solidariedade em prol do bem comum. Ao final, com o dever cumprido, fez-se uma bela comemoração, com abraços, rodas e mais alegria entre a irmandade.

No dia seguinte ao fim do encontro, as pessoas iam seguindo seus caminhos, alguns indo viajar sem destino, outros voltando para sua atividades em suas casas, outros

mudando o planejado... enfim, vivências experimentadas e experiências vivenciadas com muito carinho... aprendizados de uma semana que valem para a vida...

Cada ano, o ENCA mostra algo novo, o lugar, as pessoas, as situações... Em 2012, o encontro ocorreu no Maranhão, próximo ao município de Loreto. Fui, com mais três pessoas, de carro de Natal até lá. A viagem, por si só, já valeria muito a pena, belas vistas, banhos de açude, passagens por pequenas e aconchegantes cidades. Paramos em Pastos Bons (MA) para jantar; já era noite, um dia inteiro viajando, sentia-me bastante cansado; no entanto, faltava apenas 100km, aproximadamente, para a chegada. Alimentados, resolvemos continuar a viagem e chegar ao local. Uma estradinha perigosa, com bastante curvas para testar a atenção de todos. Quando sabíamos estar chegando próximo à entrada para a propriedade, saindo já da pista, ficamos mais “ligados” para ver algum sinal de identificação. Ele estava lá: na copa de uma árvore que beirava a BR-230 havia uma bandeira... uma única bandeira com o símbolo da Paz era a identificação de que ali seria a entrada para o encontro. Entramos e andamos um tanto até encontrar alguns carros parados “no meio do nada”. O problema era o areal, com os carros atolando. Conosco, tudo bem, passamos sem maiores empecilhos.

Chegando ao lugar do ENCA, fomos recebidos, e repassadas as conhecidas informações, os acordos, até que nos foi dito algo novo até então: “Nesta terra só mora um casal, então tem vários bichinhos por aí, ainda perturbados com o grande movimento que chegou rapidamente, portanto, atentos com as cobras, as aranhas e os escorpiões, eles ‘tão’ passando por cima dos nossos pés”. A atenção havia de ter, obviamente, porém, sem aperreio, nada de mal iria nos acontecer. Fomos direto à fogueira, onde já reconhecemos algumas pessoas, fizemos uma música, mas o cansaço logo me fez ir repousar. Como diz o ditado popular, “gato escaldado tem medo de água fria”, então, para evitar o ocorrido no primeiro ENCA que eu fui, preferi não armazenação logo a barraca na primeira noite, ficando mesmo dentro do carro.

No dia seguinte, um lugar fora escolhido, junto à irmandade potiguar que também estava no encontro. Sauna, casa na árvore, cuidar da criançada, moer cana para fazer caldo e servir os irmãos: tudo fora feito com muito carinho e na partilha, sabendo que algo que eu fizesse a alguém, certamente, faria com que, no mesmo momento, algo estivesse sendo feito para mim. E essa sensação fazia com que trabalhássemos sem nos queixar, respeitando cada um o seu tempo e tendo prazer naquilo que executava.

Normalmente, após o desfecho de alguma atividade, para amenizar o calor que fazia durante o dia, nada como um banho no rio. Um lindo lugar, onde poderíamos ficar tanto na parte mais próxima do acampamento e de onde ocorriam as principais atividades, ou caminharmos até um local mais distante, onde o rio ficava maior, mais largo. Na primeira opção, água boa, rio calmo, raso; na segunda, rio fundo e maior correnteza. Em ambas as partes, uma mata grande, repleta de árvores frondosas e grandes palmeiras.

Neste ENCA, uma situação que muito me marcou foi o “beber água”. De lá, voltei maravilhado com a abundância e a pureza da água da região; se sentisse sede, bastava ir à “cabeça” do rio, afundar seu caneco e beber, uma água pura, da fonte, próximas de nascentes, totalmente diferente das ditas águas minerais que consumimos atualmente, frutos de um sistema que até a água de beber é privatizada, engarrafada e comprada, com pessoas obtendo grandes lucros em cima desse bem natural e básico à vida.

Além disso, se eu fosse narrar cada importante aprendizado, cada conversa tida, muito iria me alongar nestas escritas. Em vez disso, prefiro me deter apenas ao último dia, quando se fazia a reunião para discussão do lugar onde seria o próximo encontro. Aqui, nas falas de algumas pessoas, era pregado fortemente a importância de se fazer o diferente, resistir ao que era apresentado e incentivado para o mundo a todo instante; seja no campo da alimentação, das moradias, da relação com outras pessoas, seja com as artes, com os hábitos cotidianos, com a política. Era frisada a importância de valores, do despertar para a natureza, para essa religação, pensando em nossa saúde, no nosso bem-estar e de toda a coletividade. Feitas várias considerações nesse sentido, as propostas dos locais foram lançadas por volta das 13h; no entanto, como já dito, as decisões são tomadas com base no consenso, em que as partes dialogam até que só reste uma proposta, que automaticamente é acatada. Esse diálogo durou até a madrugada, com as pessoas já cansadas, desgastadas, a lua cheia chamando para uma celebração, mas a irmandade ali reunida, vivendo essa arte que já fora praticada por muitos povos, mas que hoje parece estar meio esquecida na sociedade: o diálogo e o consenso.

No dia seguinte, era chegada a hora de pegar a estrada de volta. Com o carro muito carregado de malas, seguimos pelo areal, donde, dessa vez, quase que o carro não passa. Após quase um rali com um Gol, conseguimos chegar à estrada, devolver as malas e seguir nosso rumo. Lá se ia mais um belo e valoroso encontro... e na estrada, a primeira música tocada foi uma que resume tudo isso, da banda Gaia Piá, o Ouro da Terra:

Ser livre como o vento  
Pra longe chegar  
Dúvidar dos sentimentos  
Que eles chegam, podem lhe atrasar  
Quanto mais for verdadeiro  
Mais o Sol pode brilhar

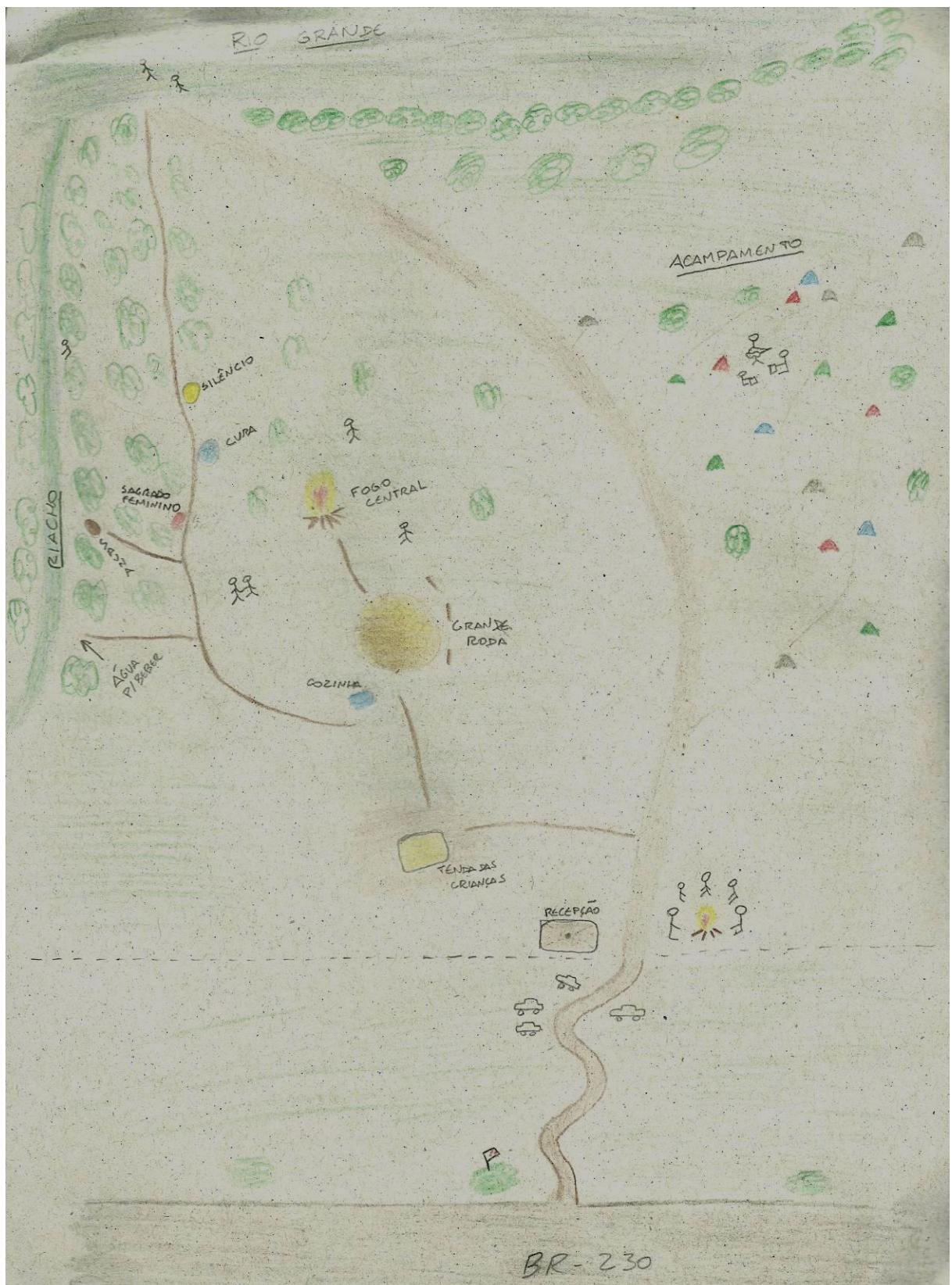
Chegou o novo tempo  
Pra humanidade se tocar,  
Chegou o novo tempo  
É a frequência natural

Eu digo que o ouro da terra, menino  
Mas é o milho que cresce do Sol  
Eu digo, que o ouro da terra, menina  
Tá nas crianças e tá no Deus maior

Tudo, tudo que precisamos, menino  
A terra dá para sobreviver,  
Em vez de alimentar esse sujo sistema  
Plante as sementes e corra pra colher

Devemos aprender com as crianças  
Mas aprender a não se preocupar  
Devemos aprender com as crianças  
É aprender pra ensinar  
Devemos aprender com as crianças  
Manter pureza nesse caminhar

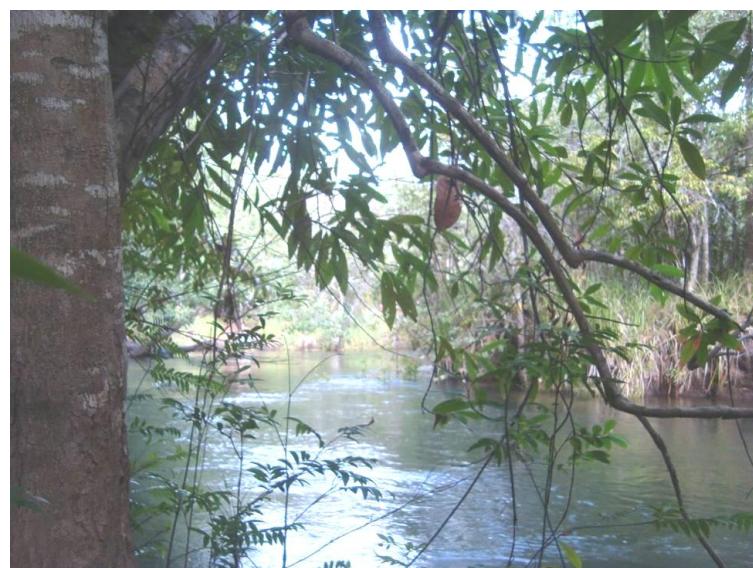
Acho que, narrados todos esses fatos, ficou claro o porquê de eu considerar essa vivência como uma ilha de resistência. Um espaço onde pessoas, de diferentes lugares, reúnem-se para celebrar a vida, para estar num constante processo de educação um ao outro, partilhando bons sentimentos e ricos momentos, vai contra o que mais vemos no mundo. Preconceito, distância entre as pessoas, entre os seres, frieza nos olhares, são larga e tacitamente incentivados no mundo atualmente, frutos dessa monocultura cultural; assim, falar em Amor, praticar o Amor, um simples abraço, hoje, (infelizmente), é resistência... é resistir para mudar... é resistir para viver num mundo diferente, em que os homens voltem a ter seus corações abertos...



Desenho que mostra uma visão geral do espaço onde ocorreu o ENCA, em 2012, no Maranhão...



A noite, sob a luz da lua, a única sinalização na estrada para a entrada que levaria ao espaço onde ocorria o encontro era uma bandeira na copa de uma árvore, contendo o símbolo da Paz, mostrado acima... ao chegarmos ao local, boa recepção, fogueiras, partilhas de alimentos.. bons reencontros e boas-vindas dos pássaros e da irmandade...



... se tava com sede, era só ir ao riozinho próximo ao local da Grande Roda, água pura, de nascente... riqueza... se quisesse tomar um banho, nadar, só custava dar uma boa caminhada entre o verde, as palmeiras e as grades árvores.... ... aí sim, chegávamos ao grande rio, uma bênção...



... para descansar, retorno à barraca, próxima ao acampamento da irmandade potiguar... conversas, informes, músicas, discussões, refeições: tudo acontecia na Grande Roda, onde, ao lado, estava a cozinha comunitária (coberta pela lona azul na foto de cima)... para as crianças, uma casinha com vários brinquedos e atividades para despertar a criatividade dos pequenos...



... os detalhes fazem toda a diferença... palavras positivas (Vida, Amor, Luz) eram vistas escritas em placas ou pedras ao longo das trilhas...

## “NÃO À MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA”

*“Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez em que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros”*  
(Che Guevara)

*“A pobreza é uma fraqueza humana, mental; a solução já existe na Natureza, nós é que somos cegos”*  
(Benki Piyanko)

“O Rio de Janeiro continua lindo...”, já disse o poeta Gilberto Gil...

Nessas páginas, irei revelar uma forte e intrigante paixão: a cidade do Rio de Janeiro... Primeira vez que lá eu estive, já faz um bom tempo... eu tinha dois anos de idade e, portanto, dessa passagem, de quase nada recordo. Só voltei em 2007, num evento da União Nacional dos Estudantes, a Bienal de Arte e Ciência... daqui, eu já trago boas recordações. Algo que muito me impressionou na capital carioca foi a diversidade... de cores, de pessoas, de ambientes, de paisagens... uma verdadeira miscigenação, em minha opinião.

Desde essa vez, tive o prazer de retornar ao Rio mais quatro vezes. Sempre, quando chego à cidade, como se fosse a primeira vez, fico fascinado... não entendo muito bem do que se trata, só sei que há algo ali que em mim desperta sentimentos envolventes... a natureza linda e exuberante, o forte contraste social, a boa malandragem, que, como canta a ladainha de Capoeira, tem poesia no jeito de malandrar.. confesso que sou apaixonado por isso...

Andar nas ruas dos bairros do Catete, da Glória e da Lapa, ver todo o movimento... pessoas andando apressadamente, olhando para seus relógios; pessoas sentadas, deixando o tempo passar; pessoas comentando de futebol ou tocando um samba; e, principalmente, pessoas que expõem ali diversos objetos, dos mais comuns, como canetas ou carregadores de celular, aos mais inusitados, como utensílios de prata ou bonecas sem braço ou sem cabeça, apropriando-se daquele espaço público, numa forma de garantir sua sobrevivência... é justamente sobre essas últimas que pretendo refletir mais um pouco...

A última vez que fui ao Rio de Janeiro, foi em Junho deste ano, 2012, durante um grande encontro global, a Cúpula dos Povos. Ocorrido entre os dias 15 e 23 do referido mês, o evento atraiu pessoas de todo o mundo, posto que também a cidade, na mesma

época, sediava uma Conferência da ONU, a Rio + 20, discutindo questões relativas a desenvolvimento sustentável e economia verde. Junto com outros tantos estudantes da UFRN, eu tive a oportunidade de ir de Natal para lá, com o intuito de participar do encontro.

No ônibus, enquanto viajávamos, os assuntos eram os mais diversos, já que a viagem se dá em mais de dois dias na estrada. Alguns pareciam felizes por estar indo conhecer a cidade, outros mais por estar indo ao evento, outros demonstravam ter tido uma preparação política para participar das discussões, e outros simplesmente estavam indo, sem tantas expectativas prévias... eu me sentia um misto de tudo isso, pois, mesmo sem ter tido tanto tempo para pensar sobre a viagem, estava feliz por estar indo ao Rio, ao evento, e levava material para trocas e partilhas... levava, ainda, uma ponta de satisfação por saber que iria rever as tais pessoas nas ruas dos mencionados bairros, vendendo seus curiosos produtos...

Chegando à cidade, percebi que ela estava bastante diferente, e imaginei que deveria ser por causa dessas duas conferências que iriam ocorrer... de imediato, senti falta das tais pessoas nas ruas dos mencionados bairros, vendendo seus produtos curiosos... não havia uma sequer, o que me deixou muito intrigado... “Onde estão elas?”, pensava repetidas vezes...

Em seu lugar, o que se via era um Rio de Janeiro com muito, mas muito, mais gente do que o normal. Pessoas de todo o mundo, helicópteros sobrevoando a cidade a todo momento, policiais e soldados em quase toda esquina, munidos com grandes armas, sob a justificativa de garantir a segurança da população. No primeiro dia em que estive lá, fui à Praia de Copacabana, de onde caminhei até o Leblon, passando por Ipanema. Nesse trecho, que nem era tão próximo de onde aconteciam as principais atividades tanto da Rio+20 quanto da Cúpula dos Povos, essa multidão já podia ser percebida.

No dia seguinte, domingo, fui à Cúpula, que ocorria no Aterro do Flamengo. Já no caminho, algo me deixou realmente impressionado: a diversidade, que só aumentava quanto mais eu me aproximava de lá... diversidade de línguas... diversidade de costumes... diversidade de feições.. diversidade de impressões... diversidade de interesses, de reivindicações, de movimentos sociais... diversidade de pessoas, de seres humanos...

Chegando ao local do evento, fui dominado por uma grande felicidade... muitos povos indígenas, do Rio Grande do Norte ao Acre, além de outros países também... grande

número de trabalhadores rurais, de diversos movimentos, como o MST, a Via Campesina... seguidores e devotos de várias religiões... artesãos... jovens, idosos, homens, mulheres, crianças... todos juntos, num só lugar, impulsionados por um mesmo ideal: questionar o modelo econômico, social e cultural imposto ao/no mundo e levantar alternativas para tal situação... caminhei um pouco pelo aterro, antes de ir ao espaço da REGA (Rede de Grupos de Agroecologia), onde deveria ficar mais tempo...

Aqui, a intenção era reunir pessoas, de vários lugares, para se discutir direcionamentos da Agroecologia no Brasil, trocar sementes crioulas, partilhar bons momentos, com amor, sorrisos e descontração... um outra forma de lidar com o campo, longe das monoculturas e do uso de venenos, próxima à diversidade de cultivos e meios naturais de promovê-los... Em sua maioria jovens, buscávamos, nesse primeiro momento, traçar algumas diretrizes para a nossa própria contribuição ao encontro como um todo. Após a nossa reunião, era o momento da música, da capoeira, da alegria...

Antes de voltar para casa, resolvi dar mais uma volta pela Cúpula, com o intuito de ser banhado e contagiado por todo aquele povo diferente, que muito tinha a engrandecer o encontro. Os Hare-krishnas cantavam fortemente, atraindo pessoas para suas rodas de celebração e devoção; ao lado, indígenas expunham seus trabalhos... mais a frente, estandes mostrando projetos reais de sustentabilidade, movimentos ambientalistas questionando o mau uso da terra e da natureza, grupos protestando contra a utilização de energia nuclear... todos juntos, num grande espaço de trocas e reivindicações... certamente, algo marcante para mim...

A segunda-feira começou com algo muito significativo... quando caminhava em direção ao aterro, em meio à multidão que também se deslocava, chamou-me a atenção um grupo de indígenas... quanto mais nos aproximávamos, mais eu observava-os, achando aquilo fantástico... questionava-me de onde e como teriam vindo, seus hábitos e costumes... para minha surpresa, quando nos cruzávamos, um deles me parou e, questionando sobre o berimbau que eu levava comigo, pediu para que eu tocassem um pouco, pois nunca haviam visto o instrumento e gostariam de conhecer... isso foi muito inusitado, pois, ao meu ver, o “estranho” seriam eles, mas, para eles, o “estranho” era eu... percebi, então, que a sensação de curiosidade com o diverso era geral, presente em cada pessoa que ali estava... todas pareciam estar encantadas com isso...

Esse dia foi marcado por uma intensa partilha na área da REGA... um dia todo de troca de sementes e experiências... desenvolvemos nossas atividades com ênfase na Permacultura, uma ciência que busca sistematizar modos e meios de vida que sejam coerentes com uma postura mais humanitária e ecológica do homem na Terra, pensando desde o lado espiritual até a questão econômica e educacional, dos plantios e das construções. Para esse espaço, além de boas intenções, sementes e vontade de partilhar, levava na bagagem experiências desenvolvidas em Natal para serem dialogadas, principalmente relacionadas a um projeto do qual fiz parte por quatro anos, que trabalhava com horta escolar como ferramenta de uma Educação transdisciplinar, diversa, baseada em valores e num contato mais próximo com a natureza. Ao final do dia, estava cansado e feliz... horas intensas haviam se passado...

Na terça-feira, 19 de junho, era meu aniversário... confesso que estava um pouco ansioso acerca do que aquele dia me reservava... sabia que iria encontrar amigos antigos, amigos novos, pessoas com quem iria conversar; no entanto, grandes surpresas também ocorreriam... chegando à Cúpula dos Povos, fiquei sabendo de uma mesa-redonda que contaria com a participação de Vandana Shiva, escritora e ativista indiana cujo livro *Monoculturas da Mente* eu estava lendo. Na tenda onde iria acontecer a fala, já pude perceber algo inusitado, quando, próximo a mim, encontrava-se um indígena, um africano, possivelmente de Angola, e um japonês... realmente a mistura de povos era fascinante. Para o lançamento do livro *Visions of the living Earth*, além de Vandana Shiva, iria participar mais três pessoas...

Embora esperasse pelo pronunciamento da indiana, foi com o de um indígena que mais me envolvi... Benki Piyanko, do povo Ashaninka, vive no Vale do Juruá, no Acre. Primeiramente, contou um pouco da história de sua etnia, afirmando que haviam vindo do Peru no final do século XIX, para serem incorporados ao sistema seringalista na Amazônia. Com uma longa história de luta, combatendo a exploração madeireira desde 1980, destacou ser um povo orgulhoso de sua cultura, que possui uma grande capacidade de conciliar costumes e valores tradicionais com idéias e práticas do mundo dos brancos, tais como aquelas ligadas à sustentabilidade socioecológica. Benki, ao abordar aspectos relacionados à economia de seu povo, explicou que essa se baseia na agricultura de subsistência, principalmente de mandioca, que é a base de sua alimentação, na caça, na pesca e na roça, com cultivo de diversas espécies de batata, milho e banana. Além disso,

coleta de frutas e sementes, também para confeccionar o artesanato, numa relação harmoniosa com a natureza.

Nesse ponto, esteve o grande foco de sua fala... afirmou que quando os Ashaninka perceberam, o agronegócio estava destruindo toda a vida de sua região, as centenárias árvores e animais só ali existentes, o que fez com que despertasse a vontade de conversar com o não-índio. Para tanto, era preciso, primeiro, reforçar a idéia de proteção e de preservação dentro do próprio povo, sendo a escola uma grande responsável por isso, trabalhando com conhecimentos tradicionais e sabedorias ancestrais. Assim, trabalhando junto a professores indígenas, responsáveis pela formação e organização de trabalhos de pesquisa e manejo florestal e da fauna silvestre, iniciou-se o projeto de reflorestamento da área desmatada.

Segundo ele, com tal projeto, a terra indígena estava se regenerando; contudo, o entorno ainda continuava extremamente degradado. Concluiu, então, que era preciso desenvolver a mente com uma nova visão de mundo, atenta ao mal que essa degradação, esse modelo econômico provoca... “Percebemos as mudanças climáticas, os animais se perturbam, têm dificuldades de ler a natureza, falam coisas que não condizem”, afirmou... e, continuando, “Tudo é provocado pelo homem... então pergunto: se provocou, por que não consegue solucionar? A própria pobreza é uma fraqueza humana, mental... solução já existe na natureza, mas estamos cegos...”.

Sua fala girou muito em torno da necessidade de uma religação espiritual com a Terra, posto que hoje vivemos em função de muita riqueza material, mas, conforme Benki, é preciso atentar espiritualmente para o que a natureza é... externou, ainda, sua indignação no que diz respeito ao real compromisso dos órgãos públicos e suas políticas ambientais: “É muito triste quando a gente quer levar sementes para outros lugares do país e o IBAMA, a Polícia Federal, acusam de biopirataria; mas queimar, derrubar, matar, mudar geneticamente espécies é permitido... não consigo entender...”.

Finalizou sua participação, enfocando a necessidade de mudanças... mudanças que tenham essa religação com a natureza como estopim... mudanças que ocorram onde quer que estejamos, já que realmente parece que a conduta humana, como um todo, precisa mudar... trouxe, ainda, baseado em ensinamentos dos antepassados, uma valiosa lição:

“Os nossos avôs são grandes sábios, mestres pros irmãos...  
Os nossos pais orientam o caminho a seguir...  
Nas nossas mães é onde nasce nossa luz...  
E o lugar para essa luz brilhar é onde estamos...”

Concluída a fala do indígena Ashaninka Benki Piyanko, eu estava bastante emocionado... com os olhos cheios de lágrimas em virtude da profunda força e revolta do pronunciamento, mesclada com amor e compaixão pela Mãe Natureza, percebi que outras pessoas que assistiam àquilo estavam no meu estado que eu. Era a vez, agora, de Vandana Shiva tecer seus comentários, que mantiveram o elevado nível de comoção dos espectadores...

A indiana iniciou sua fala respondendo à seguinte pergunta de um jornalista: “Você defende uma ética do cuidado?”, “Não, eu não defendo uma ética do cuidado... eu vivo a ética do cuidado!”. Esse cuidado, ela explicou melhor depois, diz respeito ao trato com as pessoas, com a natureza, com os animais, com as plantas, com as sementes, com as culturas, com a Terra... um cuidado orientado por uma pureza, no coração e no pensamento...

Nessa linha, continuou dizendo que nosso planeta era um organismo vivo, necessitando, pois, de integração e de partilha, como qualquer um outro. Isso, no entanto, implicaria numa idéia de que precisávamos mudar nossa forma de ver a Terra, sendo esta não mais um mero produto, a natureza como um produto, achar que somos donos do planeta... “Propriedade intelectual da Terra, dos bens?! Como assim?! Não podemos achar que, por exemplo, as sementes são produtos de nossas mentes; devemos tê-las como um presente da natureza e dos nossos ancestrais. Não podemos entender a manipulação como poder... amor e partilha é que é poder!”

Referindo-se à pedra da diversidade no mundo atual, Vandana Shiva fez referência à Revolução Verde, como algo que provocou/provoca grande violência, grandes mortes, da água, dos solos, dos campos. A monocultura, segundo ela, nos cega de ver tudo o que existe na natureza... as belezas, os poderes, as riquezas.. até as soluções para nossos problemas. Para encerrar, trouxe mais um ensinamento, dessa vez emprestado do líder espiritual Gandhi, pelo qual não devemos obedecer pela brutalidade, mas sim, resistir e fazer o que é correto...

Essas considerações, tanto de Benki Piyanko quanto de Vandana Shiva, muito ficaram se remexendo em minha cabeça... “é algo bem assim mesmo que eu penso, tanto sobre a religação espiritual com a Terra, quanto sobre a idéia da diversidade, da integração e da partilha...”, pensava enquanto saía a caminhar pelo aterro, maravilhado com cada cena

que ali avistava. Certamente tais falas contribuiriam para a construção de idéias e valores que eu estava me propondo a levar comigo e mostrar em alguns escritos...

Em meio à minha perambulada pela Cúpula, visitas a estandes e a movimentos diversos, fui surpreendido, já no começo da tarde, por uma grande manifestação de indígenas. Povos de vários lugares, alguns índios por mim conhecidos, como Cacique Manelzinho (Potiguaras, do RN) e a amiga Graciana (Atikum, de PE), faziam protestos contra as políticas indigenistas brasileiras, principalmente do que se referia à construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que deve provocar inundações de várias terras habitadas por indígenas, expulsando os povos das áreas onde mantém toda uma relação de saberes, histórica, simbólica e espiritual; e ao Projeto de Emenda Constitucional 215, que, defendida pelas bancadas ruralista e evangélica, propõe a transferência da demarcação e homologação de terras indígenas, quilombolas e áreas de conservação ambiental do Poder Executivo para o Congresso Nacional. Os indígenas demonstraram estar bem unidos em prol da defesa de seus direitos, pois era grande o número dos que se faziam presentes na passeata... apitos, maracás, faixas, e cores, bastante cores em seus cocares, em seus adereços, em suas pinturas... o que dava uma beleza e uma força a mais naquela passagem.

A manifestação encerrou-se na praia, onde as diversas etnias, algumas juntas outras mais afastadas, fizeram suas rodas de orações e cânticos. Admito que, para mim, foi um momento inesquecível, único, ver aquela diversidade, de cores, de instrumentos, de rostos, de músicas, de curiosos, na Praia do Flamengo, com o Morro do Pão-de-açúcar por trás, como cenário...

Desfeitas as rodas, a areia já estava toda demarcada para que pudéssemos sentar em um local adequado. A intenção, que eu só soube depois, era formar uma figura para que fosse feita uma fotografia aérea, que seria intitulada “Rios para a Vida”. Eu estava presente, sentado, posicionado, ao lado de indígenas, uns mais velhos, outros crianças, de freiras, de capoeiristas, de jovens... até o famoso Cacique Raoni, líder indígena Caiapó (MT), que somente avistara em televisão, chegou para dividir um espaço na imagem, o que causou um grande murmúrio de admiração em todos... muitas pessoas ali se encontravam, num momento de protesto e reivindicação, acompanhado de partilhas e bons sentimentos. Fui preenchido por uma sensação de gratidão, força, positividade... poder participar desse momento muito me emocionou...

Com a cheia do mar, o registro foi feito e segui caminhada para casa... embora ainda fim de tarde, muito intenso, de bastante aprendizados, trocas e vivências, estava sendo o dia... sentia-me cansado e só conseguia pensar em uma cama para dormir... No entanto, algo curioso ainda aconteceria a mim... chegando no lugar onde eu estava hospedado, fui subir no elevador e; no mesmo instante, veio um senhor comigo, vizinho de apartamento. Para quebrar o silêncio, resolvi comentar: “O Rio de Janeiro está muito cheio, né?! Tudo lotado, metrô, ruas... Muita gente de muito jeito diferente...”; o senhor me respondeu, resmungando: “É.. um monte de gente... uma ‘ruma’ de falso índio andando na rua, com pena, colar... mas de bigode e usando roupa... quem já se viu índio assim?! Querem só se aproveitar”... diante daquela resposta, e do fato de que o elevador havia chegado e ele falara já abrindo sua porta, só me restou pensar: “É, talvez se esse senhor pensasse mais na mistura dos povos, ou pelo menos tivesse passado o dia que eu passei hoje, ele não falasse assim dos índios de bigode e roupa...”.

Para o dia seguinte, a quarta-feira, estava marcada a Marcha dos Povos ... aqui, a princípio, seria uma atividade unificada da Cúpula dos Povos, para que todos os participantes pudessem ir. Antes de ir para a caminhada, fui ao acampamento da juventude, que acontecia nas dependências da UniRio, na Praia Vermelha. Além da irmandade que lá estava acampando, eu me sentia curioso para ver a diversidade do local... expectativa atendida, já que, em sua maioria de jovens universitários, vários movimentos dividiam aquele espaço por alguns dias. Algo que, embora pareça banal, chamou-me atenção no acampamento e me clareou algumas idéias foi uma bandeira que vi, onde se lia: “Toda opressão gera resistência”. Achei aquela frase muito interessante, resumia tudo o que eu estava pensando em trabalhar em minha dissertação.

Pois bem... quando cheguei ao centro do Rio de Janeiro, a caminhada já havia iniciado... A Avenida Rio Branco, uma das principais do local, estava tomada de gente... algo em torno de 80 mil pessoas... alegria em uns, revoltas em outros... gritos de ordem por uns, cantigas de amor por outros... negros, índios, brancos, amarelos... seguidores do Cristianismo, do Candomblé, do Budismo, da Umbanda, de Krishna, de doutrinas da Floresta, Ateus, dentre várias outras representações religiosas... artistas, palhaços, professores, trabalhadores do campo, feministas, estudantes, defensores dos direitos humanos, dos direitos dos animais, vegetarianos, grupos de Agroecologia, de Bicletada, da Marcha da Maconha... pessoas comuns, curiosos, manifestantes individuais...

Um momento em que pude perceber nitidamente a idéia da unidade com diversidade, e da diversidade com unidade... as mais diversas pessoas, dos mais diversos movimentos, unidas, em prol de um mesmo objetivo: mudar. Elas davam sua contribuição, portanto, à grande onda planetária de resistência à Monocultura da Mente, e suas mazelas econômicas, sociais, políticas, ecológicas, culturais, religiosas, etc.

Passado o dia da grande marcha, alguns grupos já se organizavam para ir embora da cidade... no entanto, na quinta-feira, o movimento pelo Rio de Janeiro ainda era bastante intenso. A maioria das plenárias e deliberações ocorreram neste dia, o qual aproveitei para caminhar mais livremente, fazer registros, anotações, tirar fotografias, conversar... Atraído pela grande quantidade de gente, a maioria em cores vermelho e verde, fui parar na plenária dos movimentos camponeses... muito se discutia sobre a questão agrária no Brasil, sobre os grandes latifúndios existentes, as monoculturas e o uso de agrotóxicos, que muito mal fazem à saúde humana... e da Terra. Conversei com indígenas da Amazônia (Rondônia, Acre e Amazonas, principalmente), do Mato Grosso do Sul, do Mato Grosso e do Nordeste, principalmente com representantes do Povo Pataxó, da Bahia, região a qual eu já visitara no ano de 2010. Bonito foi dançar, já a noite, uma ciranda e um cônico de roda com estes últimos, num momento de interação, alegria e partilha da juventude, foco de revolução e mudanças, como diz Edgar Morin. Para completar a roda, um grande abraço coletivo, entoado pela música Tempo Perdido, da Legião Urbana:

“(...) Sempre em frente...  
não temos tempo a perder,  
nossa suor sagrado é bem mais belo  
que esse sangue amargo...  
e tão sério... e selvagem...  
(...)  
O que foi escondido é o que se escondeu  
E o que foi prometido, ninguém prometeu,  
Nem foi tempo perdido...  
Somos tão jovens...”

Na sexta-feira, dia 22, senti a necessidade de ficar um pouco mais em casa... precisava digerir tudo o que vinha vivendo naqueles dias... muitas informações, muitas energias, muita diversidade... já no fim da tarde, fui até um grande espaço onde estava havendo uma exposição sobre o Povo Indígena Yawanawá, do Acre. Em virtude de muitas pessoas estarem no local, não tive a oportunidade de uma maior aproximação com os

índios que haviam vindo; no entanto, tive o prazer de conversar um pouco com alguns deles, o Tuikuru e o Pêu, que me contaram sobre suas vidas na floresta, os hábitos, rituais, costumes, e me aplicaram uma forte medicina de lá... os visitantes que lá estavam foram presenteados com lindos cânticos típicos da etnia Yawanawá, ao final da exposição... um forte momento de alegria, relaxamento e profunda paz interior...

No sábado retornei ao acampamento... o clima já era outro, muitas barracas já desarmadas, outras tantas se encaminhando para isso... era o dia em que a maioria das delegações estavam voltando a suas cidades... despedi-me de alguns irmãos e fui à praia... contemplando o mar e as grandes morros que embelezam a paisagem do Rio de Janeiro, que tanto me fascinam, senti meu corpo oscilar entre uma calma e uma euforia, uma sensação de completude e um vazio, uma grande felicidade e uma insensata tristeza... vou explicar melhor...

Como já dito em muitas partes deste escrito, vivemos num mundo hoje em que é pregada uma monocultura, uma uniformidade, uma padronização... em que as diferentes culturas são esmagadas, ignoradas e distanciadas umas das outras, em prol da perpetuação de uma forma única de pensar e agir... pois bem, esses dias de Cúpula dos Povos uniram duas coisas que muito me encantam: a cidade do Rio de Janeiro, como já mostrei no início, e a diversidade cultural... sentia-me, portanto, feliz por ter estado ali, e durante esse encontro, o que parecia um sonho... mas sentia-me triste por saber que estava chegando ao fim e eu voltaria ao “mundo real”... tinha consciência, todavia, de que as lições haviam sido trocadas, aprendidas e ensinadas, as vivências haviam sido experimentadas, e as lembranças haviam de ficar guardadas... Desse modo, dei uma longa caminhada de volta para casa, refletindo e sentindo tudo aquilo...

Percebi que Rio de Janeiro parecia estar voltando ao normal... os metrôs continuavam cheios, mas nem tanto quanto nos dias anteriores, não se viam mais as tantas marchas sociais acontecendo na cidade; não se viam tantos indígenas andando nas ruas, muito menos as “cholas” bolivianas; não se viam os camponeses, em grande número, com seus vermelho e verde característicos, almoçando nas praças; não se viam os restaurantes populares cheios, de gente de diversos lugares, partilhando os poucos espaços vazios que ainda haviam; também continuava sem se ver as tais pessoas nas ruas dos mencionados bairros, vendendo seus curiosos produtos... (não esqueçamos delas...)

No domingo, dia em que eu iria embora, resolvi ir logo cedo à praia... quando pus o pé fora de casa... uma grande surpresa... pessoas expondo diversos objetos, dos mais comuns, como canetas ou carregadores de celular, aos mais inusitados, como utensílios de prata ou bonecas sem braço ou sem cabeça, apropriando-se daquele espaço público, numa forma de garantir sua sobrevivência...

Pus-me a questionar: onde estavam as tais pessoas nas ruas dos mencionados bairros, vendendo seus curiosos produtos?

De volta ao mundo real...



Na Cúpula dos Povos, uma grande diversidade de pessoas e culturas eram observadas, o que se tornava curioso a muitos dos que lá estavam... negros, brancos, amarelos, vermelhos...



... caminhar pelas ruas do Rio de Janeiro era algo impressionante... bolivianos cruzando com indígenas brasileiros... camponeeses e povos de terreiros... almoço nas praças...



... no espaço da REGA, a juventude se encontrando para a Feira de Sementes Crioulas... reuniões e partilhas...



... muitas trocas de sementes... além de curiosos e inusitados visitantes...



... durante a grande manifestação indígena, protestos contra a PEC 215... bandeiras, faixas, penas, cores... presença de jornalistas, curiosos, freiras e diversos militantes... no cenário da Praia do Flamengo, com vistas à Baía da Guanabara e ao Pão-de-açúcar...



(Fonte: <http://entrejovensmundomissao.blogspot.com.br/2012/06/rios-para-vida-clama-cupula-dos-povos.html>)

... com a chegada na praia, rodas, rezas, cânticos e celebrações... antes de todos sentarem nos lugares pré-marcados, para ser feita a fotografia aérea...



... artesanatos indígenas sendo expostos e admirados, vendidos e trocados...



... muitas mensagens eram mostradas, por diversos grupos, protestando, sensibilizando, (se) expressando...



... as atividades eram intensas, plenárias sempre com muita gente, principalmente as do movimento camponês...

Boas conferências, mesas-redondas, tratando da nossa relação com a Terra e com os homens, questionando o atual sistema econômico e social vivido no mundo... (registro da mesa em que participaram, dentre outros, Vandana Shiva e o indígena Ashaninka Benki Piyanko)



... na Marcha dos Povos, muitas pessoas... cada um se manifestando de sua forma...



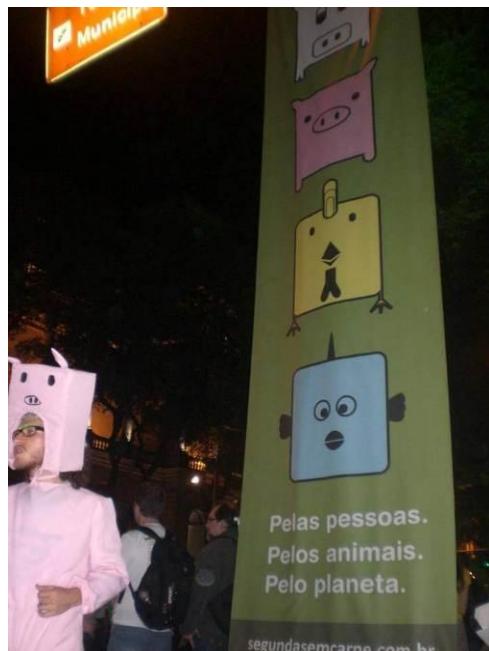
... movimentos socialistas, ambientalistas...



... pessoas protestavam contra questões militares, problemas na Educação... e outras que manifestavam uma reflexão mais profunda acerca do nossa existência, de nosso estar no mundo...



... forte e marcante presença dos movimentos do campo... MST, Via Campesina, Movimento dos Pequenos Agricultores... posicionando-se contra o apoio político e expansão do agronegócio e suas mazelas...

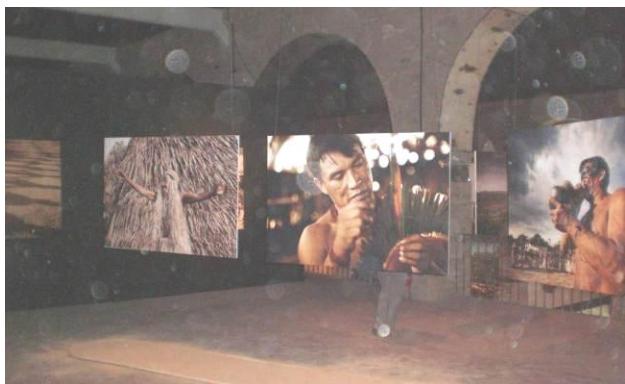


... feministas, vegetarianos... pessoas de diversas partes do mundo, insatisfeitas e indignadas, clamando por mudanças...



Protestos de grupos ambientalistas brasileiros, contra o Novo Código Florestal, a política adotada pela presidente Dilma Rousseff em relação ao nosso verde... ainda, manifestações contra usinas nucleares...

Enfim, grande diversidade observada na Marcha...



... com os indígenas Yawanawá, conversas, fotos, admirações, aprendizados... forte momento...

## BREVES CONTATOS, INTENSOS APRENDIZADOS

*“Antigamente, tudo era mais difícil, mas era mais fácil;  
Hoje, tudo é mais fácil, mas é mais difícil”*  
(Dona Esmeraldina)

Aqui, pretendo relatar algumas vivências que, embora rápidas, muito me fizeram enxergar belezas e valores, contribuindo, também, para a minha formação e percepção de um “mundo” diferente do que estamos acostumados a ver ao nosso redor. Lugares e pessoas simples, mas cheios de sabedorias e bons sentimentos, verdadeiros pontos de resistência.

O primeiro ponto de parada é o *Distrito do Tabuleiro*. Onde fica? No município de Conceição do Mato Dentro, em Minas Gerais. Estava em Belo Horizonte, quando decidi visitar um companheiro em seu sítio e tomar muitos banhos de cachoeira. Indo à rodoviária de BH, entrei no ônibus que para lá me levaria. A estrada era linda, muitas serras, belas paisagens... após cerca de 4 horas viajando, cheguei à cidade; agora, era só esperar mais um pouco por um outro ônibus que me levaria até o destino final. Tempo para um bom almoço antes de seguir viagem.

Já no caminho, dava para se sentir o que me aguardava, uma zona rural de uma região talvez pouco conhecida. Desembarcando, logo me encantei com o lugar, a natureza exuberante e as pessoas carismáticas. Deixando a mochila em casa, um maravilhoso passeio de reconhecimento já foi proposto de imediato. Poço Pari, piscinas naturais, caldeirões, trilhas e vários animais fizeram parte da aventura. A noite, um bom queijo acompanhando uma saborosa cachaça, ambos feitos pela comunidade local, serviram para fechar este primeiro dia.

Acordando com belos cantos de pássaros, o Coral da Natureza, como disse Pará, o camarada que estava me hospedando e seria meu “guia” por lindos lugares, a missão agora era trabalhar com as crianças na escola. Atividades de sensibilização ecológica, plantio de árvores, malabares, capoeira e futebol alegraram a manhã, com muitas conversas e sorrisos. Para fechar a estadia, uma ida ao Parque Natural Ribeirão do Campo, para conhecer uma obra-prima da natureza, a Cachoeira do Tabuleiro, uma das maiores do Brasil, com 273 metros de altura. Após uma longa e prazerosa caminhada, chegamos ao local... uma imensidão, exuberante e potente... “Minha religião é a Natureza e meu altar é a

cachoeira...”, comentou o companheiro. Voltamos à vila, onde, no dia seguinte, eu teria mais um dia de trabalho, com a terra, plantando, adubando, para bons frutos serem colhidos. Neste dia, ouvi de Pará algo que muito me marcou: “As pessoas costumam dizer que esse é um jeito alternativo de se viver, mas eu não acho isso... o alternativo está comum; temos é que ser originais, ou seja, nós mesmos”. Ensinamentos, partilhas, contemplações e celebrações marcaram minha passagem por mais essa ilha de resistência. Pará, Seu Braz, Seu Mocó, Seu Válter, Seu Bruno, Dona Zunita, Renato, Gil, Guilva, Dona Sílvia, as crianças da escola: a todos eu devo muita gratidão.

Seguindo as breves passagens, aporto no estado de Goiás. Estava eu em Goiânia, quando me veio uma forte vontade de ir até a *Chapada dos Veadeiros*. Sabendo que só teria transporte a noite, organizei-me para estar pronto na hora marcada e pegar a estrada. Cheguei por volta das 3h da madrugada em Alto Paraíso. A cidade estava deserta, não se via uma só pessoa caminhando pelas ruas. Eu conhecia nada nem ninguém, e lá me encontrava, sozinho, com uma mochila e uma barraca. Pus-me a caminhar, certo de que o melhor iria acontecer. E realmente aconteceu... após uma boa perambulada pelas ruas, parei em frente a uma hospedaria, onde Seu Francisco veio me receber. Oferecendo-me um quarto, convidou para entrar. Tão cansado eu estava que logo adormeci, sem me incomodar com o pouco conforto físico que o espaço me oferecia, pois tamanha tinha sido a hospitalidade daquele senhor.

Amanhecendo o dia, caminhei um pouco mais pela cidade e me dirigi ao “trevo”, local onde se pegava algum transporte, principalmente caronas, para a Vila de São Jorge, onde fica a entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Aqui, vale salientar, encontrei um senhor alto, negro, com roupa de vaqueiro, chapéu, cinto com grande fivela, bota, todo esse estilo; com ele, fui confirmar se aquele realmente era o lugar para pegar carona. A partir de sua resposta, percebi um fato curioso: nós dois ficávamos, propositalmente, puxando assunto, com a intenção única de ouvir a fala, o sotaque, do outro. Para ele, eu deveria falar muito “estranho”, tanto quanto ele falava para mim, uma voz arrastada, típico caipira. Muito boa a partilha. Conseguí uma carona na caçamba de um caminhão que ia carregado de material de construção. Enquanto uma mão segurava a mochila, a outra dava sustento a tijolos e janelas. A vista era linda, a situação não poderia ser melhor... passamos pelo Morro da Baleia, além de todo o cerrado característico da região. Enfim, cheguei à vila, uma pequena localidade, com cerca de 600 habitantes, onde

consegui um lugar para acampar e passar dois dias. Com a barraca armada e um banho tomado, fui caminhar pela vila e parei para fazer um lanche. Como uma bela obra da vida, enquanto eu refletia sobre como deveria fazer para conseguir entrar no parque e caminhar numa trilhas pelas cachoeiras, tendo em vista que necessitava de guia e isto custava um dinheiro que, no momento, eu não tinha, avistei um cartaz com o seguinte anúncio: “Nesta terça, dia 4/11/2008, caminhada ecológica pelo Parque, com os estudantes da Escola Municipal de São Jorge. Precisa-se de guias e voluntários para acompanhar as crianças”. Meus olhos brilharam... ali estava a solução para meu questionamento. Logo fui até a escola para conversar com a diretora, Dona Dinha, explicar minha situação e me prontificar a acompanhar o grupo. Com a permissão do guia responsável, Maurinho, no outro dia eu estava pronto, no local e horário combinados.

O passeio foi ótimo, além de “tomar conta” da criançada, pude aprender muito com as informações repassadas. Diversão, pureza, alegria eram sentidas a todo instante, tanto dos adultos, que se prontificaram a estar ali com as crianças em um dia de folga, para mostrar-lhes as belezas da região e a importância do cuidar do espaço, quanto pelos próprios “pequenos”, que curtiam o lugar, aproveitavam cada momento. Sentia-me muito em casa, já que, apesar de ser um mero desconhecido que “por acaso” chegou ali, havia sido muito bem recebido e tratado, com as portas abertas para cada desejo. Após uma caminhada pela Trilha da Cachoeira dos Saltos, o contato com o Mussambê (a maior árvore do cerrado), a queda do Rio Preto, na Cachoeira do Garimpão e um banho nas corredeiras, era o momento do fim do passeio. No entanto, ainda pude desfrutar da companhia dos outros guias, que me convidaram para uma partilha de histórias e causos da região, além de um bom almoço oferecido por Maurinho, o companheiro que, com humildade, muito me ensinou a viver com alegria e a se doar por um amigo, ou até, por um desconhecido.

Saindo de Goiás, sigo para o Rio de Janeiro. A data agora é outubro de 2009. Eu fora à cidade maravilhosa para participar da Feira Nacional de Agricultura Familiar e Reforma Agrária - Brasil Rural Contemporâneo, promovido pelo governo federal, junto a alguns outros grupos. Minha intenção era tanto poder ver os trabalhos que aconteciam pelo Brasil, quanto fazer contatos de projetos de agroecologia e educação, principalmente; mas mal sabia eu o que me aguardava. Com dois dias que estava na cidade, evento começando, fui, junto com um camarada de Brasília, Pedro, ajudá-lo na recepção de algumas pessoas

vindas do Maranhão, tendo em vista que ele trabalhava no Incra e deveria auxiliar o grupo que estava chegando. Não sabia muito bem do que se tratava, no entanto, quando apareceram cinco mulheres e um rapaz, as coisas já foram de esclarecendo. Morando em assentamentos de Reforma Agrária e comunidades quilombolas, essas pessoas eram batalhadoras no seu cotidiano, pois enfrentavam diariamente a disputa de terras com grandes fazendeiros. Da região de Lago do Junco e São Luis Gonzaga, as Quebradeiras de Coco Babaçu, ou melhor, Grupo das Encantadeiras de Coco, como eram conhecidas em suas apresentações, mostraram-se pessoas guerreiras, que estavam ali no evento tanto para apresentar seu trabalho, quanto para externar a batalha diária pela terra. Óleo, sabonetes, artesanato, alimentos: tudo isso vinha do trabalho delas com o coco babaçu, muito presente em sua área.

Com essas senhoras, Dona de Jé (Maria de Jesus), Dora (Maria das Dores), Dona Sebastiana, Dona Maria Nice e Dona Francisca, e mais o Totó (Washington Luis), passei bons momentos durante os dias da feira. Percebi que “quebrar” o coco babaçu é uma arte, um momento em que as mulheres se reúnem para trabalhar, conversar, partilhar idéias e cantar. Por falar nisso, uma das cantigas mostradas por elas, muito me chamou a atenção: “Ei, não derrube essas palmeiras; Ei, não devore os palmeirais; tu já sabes que não podes derrubar, precisamos preservar as riquezas naturais”. Isso mostrava o seu apelo para manter de pé as palmeira do babaçu, devastadas em larga escala para monocultura de algum produção que certamente propicia grandes lucros a fazendeiros e empresários no estado do Maranhão. Partilhar momentos e ensinamentos sobre a realidade dessas senhoras, simples, alegres e guerreiras, muito me engrandeceu; grato já me sentia bastante, mas mais ainda fiquei quando elas, em nossa despedida, resolveram me dar uma linda lembrança: um colar com material do coco, artesanato feito pelas próprias encantadeiras. Disso, certamente, não esqueço jamais.

Uma outra situação vivenciada no Rio de Janeiro, e que merece ser narrada, ocorreu por volta de março/abril de 2010. Lá eu estava, viajando com um amigo, passando alguns dias na cidade. Durante a nossa estadia, aconteceu o que muitos interpretaram como uma “grande tragédia ambiental”: uma forte chuva caiu seguidamente por alguns dias, o que provocou grandes enchentes, inundações e deslizamento de terra em vários morros, deixando muitas pessoas desabrigadas e sem os seus pertences materiais. Casas, móveis, carros, animais, árvores: tudo sendo arrastado pela correnteza. Passados alguns dias de

tempestade, um clima de tristeza era sentido por toda esquina. Muita gente dormindo nas ruas, ao mesmo tempo em que as ruas pareciam estar vazias, pois também uma sensação de susto e medo rondava a cidade maravilhosa.

Com a rotina aos poucos sendo retomada, vários centros de voluntariado e arrecadação de objetos, lençóis, roupas e alimentos foram aparecendo. E foi num desses centros que algo muito especial me aguardava. Voltando da Universidade Federal Fluminense, caminhando por uma movimentada avenida de Niterói, avistei um rapaz, que atendia pelo nome de *João*. Vestindo a camisa de seu time do coração, o Vasco da Gama, João empurrava um carrinho de supermercado esboçando um bom sorriso no rosto e cumprimentando a todos com muita alegria. De repente, numa de suas entradas (ou saídas) de um ginásio, interrompi seu trabalho e perguntei se ali era um centro de doações para os atingidos pelas chuvas, e se estavam precisando de ajuda naquele instante. “Opa, ó, nós temos muita gente ajudando já, mas sempre é bom mais uma ‘mãozinha’”, respondeu simpaticamente João. Achei sua resposta interessante e logo fui atrás dele, que me aconselhou a pegar um carrinho. Enchemos nossos “veículos” com vários sacos de material doado e saímos rumo ao interior do ginásio para lá depositá-los. Percorremos um caminho por onde parecia um clube, e, neste percurso, já pude sentir uma vibração positiva, que parecia superar, ou pelo menos amenizar, a tristeza de toda a causa. Várias outras pessoas se movimentavam ali, participando do corpo de voluntariado da ação, principalmente jovens, de diferenças classes sociais.

O melhor, no entanto, ainda estava por vir: quando realmente entrei no ginásio, agradeci por estar no local... vi muitos sacos pela quadra, arrumados conforme o conteúdo. Ao olhar para a arquibancada, onde deveria ser os degraus para sentar, só tinha sacos de material doado. Após ser tomado por um imenso prazer e satisfação, descarreguei meu carrinho junto à grande pilha de outras sacolas. Neste momento, percebi que João não estava mais próximo a mim, tinha o perdido de vista. Resolvi, então, voltar aos caminhões estacionados na avenida para buscar mais sacos. No trajeto, cruzei novamente com João, que não me avistou, pois olhava ao outro lado, sorrindo para duas senhoras que também ajudavam. Recarreguei o carrinho e retornei ao ginásio mais uma vez, passando-o, em seguida, para outra pessoa, pois precisava ir embora. Quando saía do clube e buscava algum lugar onde pudesse acessar a internet, ouvi uma voz me dizer: “Valeu, irmãozinho,

obrigado!” Ao virar-me para ver de onde vinha o som, reconheci João, que estava com seu carrinho cheio novamente. Cumprimentamo-nos e segui a caminhada...

Passada quase uma hora, após ter resolvido algo no mundo virtual, eu seguia pela rua, quando ouvi, em meio aos carros que passavam ao meu lado, um “tenor” soltar sua voz. Avistando quem era o cantor, fiquei mais feliz ainda, pois identifiquei João cantando de dentro de uma Kombi que ali passava... logo entendi o porquê do sempre presente sorriso daquele homem... É bom ser bom...

Saindo do Rio de Janeiro, volto ao Nordeste, pertinho de minha cidade natal. Fortaleza agora é a parada. Por volta de dezembro de 2011, fui ao Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia – ENGA. Pessoas de diversos lugares do Brasil, partilhando idéias e saberes acerca de uma agricultura sustentável, bem como sobre projetos que desenvolviam ou ocorriam em suas regiões. Dentro da programação do encontro existiam as “Vivências”, onde os participantes se deslocavam para alguns locais e passavam um turno com os moradores dali, conversando, aprendendo, ensinando, trocando experiências.

Este dia foi muito bom, intenso. Na parte da manhã, fui a um lugar, visitar uma pessoa especial; já na tarde, fui a outro, onde pude conhecer uma comunidade rural, resistência forte... e é sobre esses duas localidades que escreverei agora. Primeiramente, cedinho da manhã, saímos para visitar/conhecer uma senhora muita batalhadora e conchedora da área onde estávamos alojados, acampando. Abreulândia, bairro mais afastado do centro de Fortaleza, é um lugar que conserva algumas características mais peculiares, como regiões de manguezal, rio e mar. Morando a mais de 50 anos na beira do rio Pacuti, estava *Dona Esmeraldina*. Recebendo o grupo que em sua casa chegava, em torno de 12 pessoas, a anfitriã deixou todos bem a vontade. Sentados como se fôssemos uma platéia à sombra de uma frondosa “mangueira”, ouvíamos as histórias daquela senhora pequeninha, de pele escura e voz doce. No começo, ela se colocou a falar acerca do lugar, das plantas, demonstrando ter conhecimento de muitos vegetais da sua área, os remédios e alimentos. Em seguida, respondendo às nossas curiosas e impressionadas perguntas, tratou de narrar suas aventuras de marisqueira. Segundo ela, há algumas décadas, conseguia-se colher muito mais mariscos que atualmente. “Antigamente, tudo era mais difícil, mas era mais fácil; hoje, tudo é mais fácil, mas é mais difícil”, disse sabiamente Dona Esmeraldina, ao mostrar uma certa tristeza em relação à forma como o homem lida com a natureza no presente. “O rio antes era limpinho, os peixes e ostras

viviam aí, tinha muito caranguejo, agora tá tudo bem pouquinho, é uma dificuldade pra gente pescar algo pra comer”, completou. Esse jogo de palavras que ela utilizou ficou rondando na minha cabeça por um bom tempo. Ali estava um exemplo de coragem, determinação, paciência e sapiência, conhecedora dos bichos e das plantas, artesã... certamente uma mulher que tem muito a ensinar. Todos saímos de lá satisfeitos com a aula que recebemos... cada um mais impressionado do que o outro.

Para completar a bênção do dia, no período da tarde fui com um grupo até a *Comunidade de Gereberaba*, um espaço tido como rural, em plena cidade de Fortaleza. Lá havia muitas plantações, roças, animais, além de um bonito açude, que abastecia o local. O nosso ponto de apoio foi a casa de Seu Valdemar, onde moravam cerca de seis pessoas. O senhor nos levou para conhecer seu terreno, sua plantações, principalmente de milho, feijão, jerimum, além de várias hortaliças e ervas medicinais. Trabalhamos no espaço, fizemos várias atividades, canteiros para plantio, sementeiras, além de uma composteira, para produção de adubo.

Um momento que me chamou muita atenção foi quando eu estava, junto a outro companheiro, tirando água do poço, e se aproximou de nós a neta do anfitrião. Rindo do nosso jeito de lidar com aquela função, ela falou: “Desse jeito, vocês vão passar a vida toda para encher um balde... deixa eu ensinar a vocês como se faz”; e aquela menina, de aproximadamente dez anos, tomou o balde de minha mão e jogou-o no poço; daí nos ensinou o truque: uma simples mexida no punho fazia toda a diferença... agora eu pergunto: será que todos nós sabemos tirar água de um poço? Por que um saber como esse se perde facilmente diante dos “avanços” da modernidade? Uma criança me deixou com a cabeça cheia de perguntas, um simples gesto, apanhar água no poço... como este, muito saberes simplesmente viram pó e desaparecem, ignorados ou negados pelo dito progresso. Finalizadas as atividades, sentamos todos em círculo, nós, visitantes, algumas crianças e idosos da comunidade. Conversa de um lado para o outro e boas reflexões... simplicidade e alegria marcaram o momento, além das várias bacias com frutas da época que nos foram servidas...

Para fechar estas narrativas, contarei um encontro que aconteceu comigo recentemente, em meados de agosto do ano corrente. Estava na Universidade Federal do Recôncavo Baiano, município de Cruz das Almas (Bahia). Um local bastante agradável,

com forte presença negra, forte energia. O próprio fato de a UFRB ser numa terra em que antigamente funcionava um engenho já daria uma bela história.

Pois bem... de longe, avistei um senhor negro e franzino... catando latas, plásticos, vidro; objetos deixados pelos participantes do Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia (CONEA), após a “cultural” da noite anterior. Era cedo, eu havia acabado de tomar um bom café da manhã e saía do Restaurante Universitário, indo em direção às pias para lavar a cuia e os talheres... feito isso, fui sentar um pouco sob as mangueiras para ouvir os pássaros cantadores. Quando menos esperei, um “Bom dia” me fora desejado... era *Seu Armando*, o senhor de que falei anteriormente, dirigindo-me um simpático sorriso. De imediato, respondi e agradeci a saudação, perguntando como ele estava; “Estou muito bem, graças a Deus”, foi sua resposta, seguida de um “olha, estou por aqui recolhendo isso porque logo logo a carroça vai vir limpar, pode ficar aí bem a vontade”... Aquela hospitalidade me deixou muito em paz ali.

Passado um tempinho, ele me retornou, perguntando de onde eu vinha, se na UFRB eu estudava. Quando eu o informei que viera de Natal, logo disse “Ahhh potiguar... isso mesmo, de Natal?”, continuou falando que conhecia “minha terra”, já havia morado por lá, como também em Brasília, no Paraguai... voltou a Cruz das Almas somente quando se aposentara. Com 82 anos na bagagem da vida, transmitia muita alegria por viver.

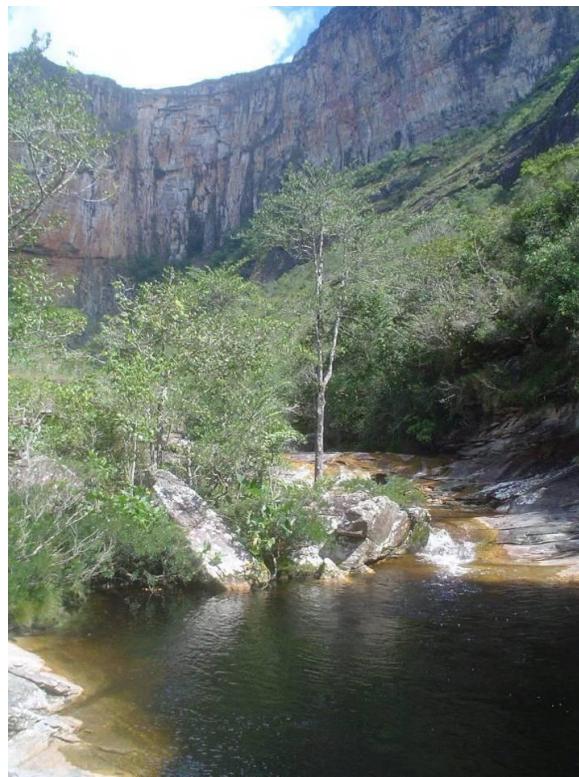
Depois de ter estado no local por mais alguns minutos, fui dele me despedir.. Com um sorriso e um “Até logo”, o preto velho me abraçou... “Vai lá, meu filho... qualquer coisa que precisar, lembre que ‘tamo’ juntos”. Pus-me a caminhar, levemente, após esse encontro... simplicidade, carisma naquele coração... os pássaros acompanhavam o meu canto...



No Distrito de Tabuleiro é assim... Prazer imenso acordar na serra, sob uma brisa agradável, junto a bastante verde... ainda mais quando se acorda já ouvindo “causos” contados pelos senhores da vizinhança... a água corre na rua, vindas das nascentes; se tava com sede, era só correr na “calçada” e encher o caneco no cano...



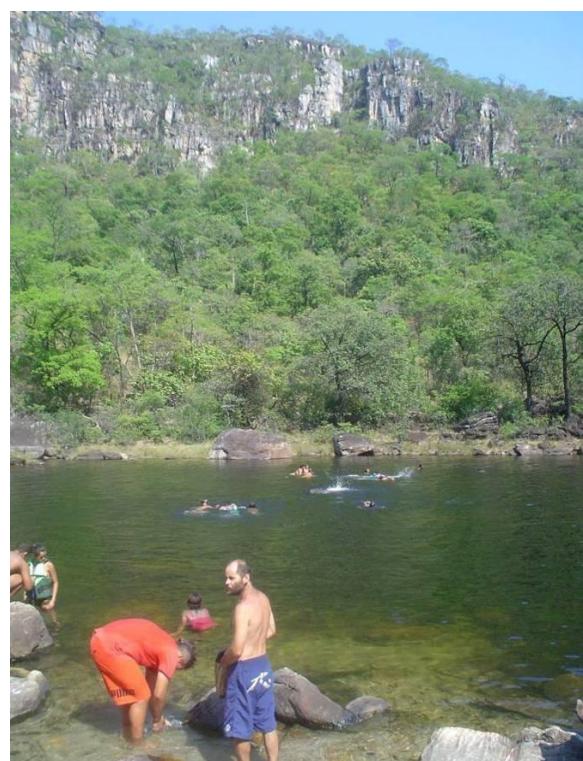
... para depois, caminhar refrescado pela serra verde... até a escola, onde, com as crianças, fazemos celebrações, dinâmicas e brincadeiras em roda... e plantamos árvores; vida na Terra...



... passadas as atividades, nada como uma caminhada no parque, onde boas mensagens nos eram reveladas, e lindas imagens eram registradas... a cachoeira do Tabuleiro, 273m... presença forte e hospitaleira...  
... mas se quisesse andar menos, vizinho de casa tem o Poço Pari.

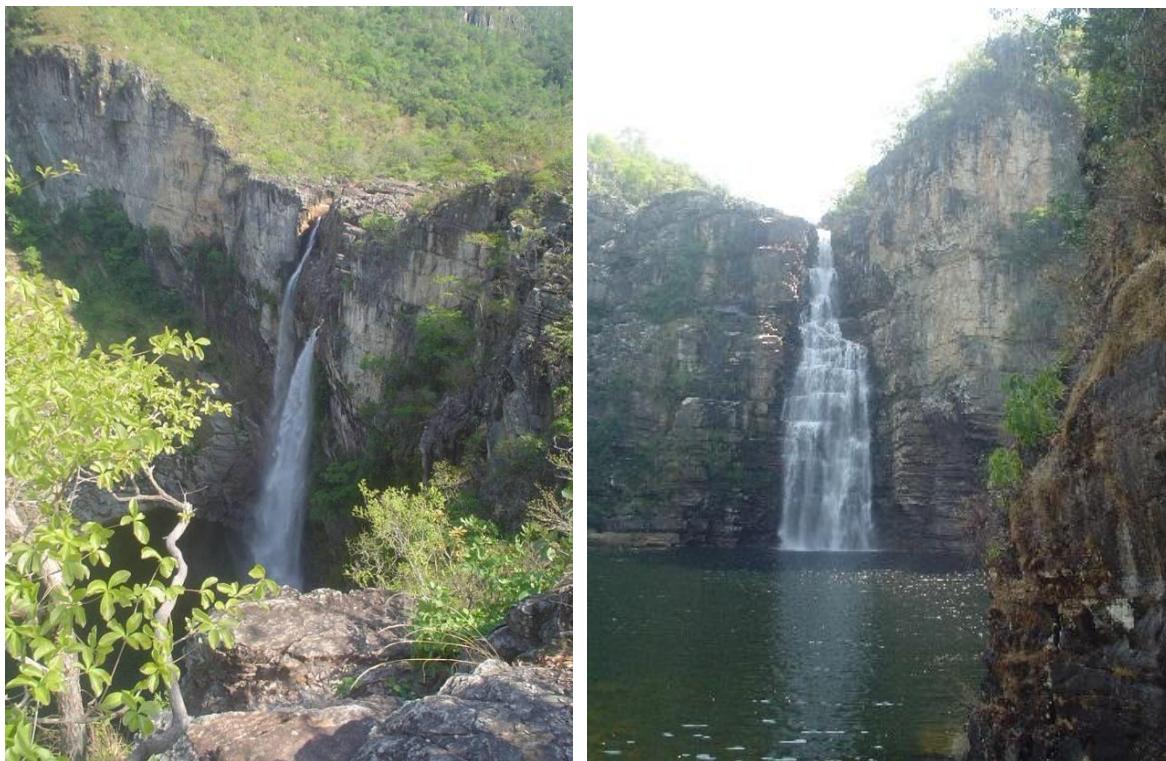


Na estrada rumo à Vila de São Jorge, sobre um caminhão, olhando pra frente, uma grande reta de barro, que  
segurava minhas expectativas... olhando pra trás, janelas, ferros e poeira...  
... olhando ao lado, o Morro da Baleia... e lá chegando, uma agradável recepção, de um lugar calmo e  
simples...



... já no parque, na Trilha da Cachoeira dos Saltos, caminhando com as crianças, passamos por vários locais encantadores... conheci o Mussambé, maior arvore do cerrado...

Depois todos, num momento de descontração, euforia e alegria, puderam “lavar a alma”, num gostoso banho...



... primeiro, passamos pela cachoeira que dá o nome à trilha... depois, caminhamos mais um pouco e chegamos à Cachoeira do Garimpão, na queda do Rio Preto, um lindo lugar, que contribuiu para boas reflexões... seguimos a trilha rumo às corredeiras



No Rio de Janeiro, durante a Feira Brasil Rural Contemporâneo, as doces quebradeiras de côco babaçu, do Maranhão, ficavam sob uma “palhocinha”, onde ficavam demonstrando seu ofício diário, cantando com alegria e quebrando os cocos para os visitantes, que eram muitos, experimentarem...

... no dia seguinte, as senhoras fizeram uma bonita apresentação em um dos palcos do evento... e depois, ainda pararam para registrar o momento com seus camaradas de jornada, eu e o companheiro Pedro.



Chegando na casa de Dona Esmeraldina, logo sentamos no terreiro para ouvir seus ensinamentos... bela aula recebemos, sobre as plantas, sobre o mundo, sobre a natureza, sobre a vida...  
... a senhora ainda mostrou seus trabalhos, como tapetes e objetos de decoração... e depois nos levou para um bom passeio em seu terreno, onde conhecemos sua horta e seu roçado.



Na chegada à Comunidade de Gereberaba, uma roda para traçarmos algumas idéias sobre a visita e os trabalhos a serem feitos... passando pelas casinhas, podíamos ver o quão simples, acolhedora e bela era aquela comunidade...



... e vamos trabalhar, andar pelo espaço, visitar o açude e o roçado de Seu Valdemar...  
... uma riqueza, exuberante, diversificado... se sentíssemos fome, só correr e pegar melão, jerimum, milho ou melancia (isso só os que já estavam maduros)...



... trabalhando, organizamos uma composteira, para nutrir um pouco mais o solo, canteiros de ervas, produção de mudas... e eu na minha gostosa e nova tarefa de pegar água no poço... tudo isso em parceria com a criançada, que parecia bem feliz, preparando tinta de terra, conversando nas arvores, cuidando dos animais...



... boas conversas também com os senhores que lá viviam... ricas histórias e valiosas lições passadas...

Ao final, com as enxadas já guardadas, sentamos para mai conversa, num momento de alegria, simplicidade, hospitalidade e descontração... para finalizar a bela tarde/noite, uma roda de agradecimento.

**Retornando para casa e Manifestando...**  
**POR UMA RELIGAÇÃO COM A NOSSA ESSÊNCIA**

*Somos parte da terra e ela faz parte de nós.  
As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia, são nossos irmãos.  
Os picos rochosos, os sucos úmidos nas campinas, o calor do corpo do potro, e o homem –  
todos pertencem à mesma família.  
Esta terra é sagrada para nós.  
O ar é precioso para o homem vermelho,  
pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro - o animal, a árvore, o homem.  
O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem,  
o homem morreria de uma grande solidão de espírito.  
Há uma ligação em tudo.  
A Terra é nossa mãe. Tudo que acontecer a terra, acontecerá aos seus filhos da terra.  
O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios.  
Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo.*  
(Cacique Seattle, 1853)

Precisamos olhar à nossa volta e encontrar situações que despertem nossa indignação, nossa insatisfação com uma realidade de desigualdades, uniformização e extermínio cultural que ainda existe e é fortemente imposta na Terra...

Precisamos praticar ações cidadãs fortes, levando em conta que quanto maior a luz, maior a escuridão... quanto mais gente caminhando no limpo, no puro, mais sujeira vai aparecer... A escuridão não entra na luz, mas a luz entra na escuridão...

Precisamos de uma ética em que o respeito pelas diferenças comportamentais de cada indivíduo e pela diversidade cultural esteja associado à solidariedade do homem para com todos os seres do planeta, e à cooperação na preservação do nosso bem comum, a Terra....

Precisamos despertar o Ser Ecológico que habita em nós, numa perspectiva individual, social e planetária... um ser que não se preocupe com o possuir, com a matéria, mas pense no espiritual, no viver, sem ansiedade, somente com serenidade...

Precisamos trabalhar uma Educação holística, que forme cidadãos críticos e atuantes, ativos nas tomadas de decisões a respeito da sociedade... que contemple a autonomia e a subjetividade dos educadores e educandos... que descentralize o homem e reintegre-o na cadeia da vida, da natureza e do cosmo...

Precisamos de ciências que enxerguem o simples estar no mundo, os sentimentos, a natureza ao nosso redor como grandes fontes de aprendizados... que valorizem as artes, a filosofia, a música, a poesia...

Precisamos reconhecer que todas as culturas, todos os povos desenvolvem formas de explicar, de conhecer e lidar com sua realidade, e isto está em permanente evolução...

Precisamos contemplar... o céu, o mar, o fogo, o murmúrio das árvores, o correr dos rios, as estrelas, o sol, a lua, o canto dos pássaros... coisas simples que, certamente, a tecnologia não fez/faz igual...

Precisamos encorajar e estimular vias reformadoras que confluam para uma metamorfose, na qual o planeta venha a abrigar uma metassociedade...

Precisamos viver na Terra como nossa Pátria Mãe... uma são na  o, um são povo, em sua unidade e diversidade simultâneas...

Precisamos saber amar uns aos outros; saber se respeitar, buscando alianças e se solidarizando...

Precisamos conceber que não podemos voltar no tempo... não pensemos num tempo linear, nem c  lico... mas num tempo em espiral, que d   suas voltas e tende a uma ascensão, jamais um retorno a outras 花pocas. A cada segundo o amanhã se torna o hoje; portanto, o momento de mudar ´  agora... o lugar para mudar ´  aqui...

Precisamos compreender que o período agora ´  outro, com outros fatos, outras idéias, outros sentimentos... que vivemos um outro tempo... o tempo do amor... do perdão... da espiritualidade... tempo do homem voltar-se para a Terra, nossa Mãe, nosso coração...

Precisamos enxergar os encantos da vida, que habita nossa essência, que partilha com a essência dos animais, das plantas, de toda a Mãe Natureza, Gaia... este ´  o compromisso planetário de cada ser...

Precisamos perceber o potencial divino em nós, atentando para o poder de nossas a  o  es e tomando consci  cia acerca do nosso estar no mundo, a interdepend  cia entre os seres...

Precisamos entender que as mudanças devem vir de dentro, do coração, do nosso brilho interior, numa espécie de venera  o e confraterniza  o com o Universo, e compaixão e ternura com os membros da comunidade planetária...

Precisamos desejar... desejos, talvez inocentes ou ingênuos para alguns, mas vindos do coração, da essência de quem realmente acredita numa metamorfose, numa transição planetária, num mundo diferente...

Precisamos aprender... aprender como um humilde aprendiz diante das lições passadas pelos seus mestres...

Aprendemos a buscar nosso centro  
Aprendemos a olhar pra dentro de nós  
Aprendemos a encontrar o equilíbrio  
Aprendemos com nossos avós...

Aprendemos a aceitar o imprevisível  
Aprendemos a respeitar as diferenças  
Aprendemos a dialogar com humildade  
Aprendemos a valorizar as ciências...

Aprendemos a acender um incenso  
Aprendemos a ler um bom livro  
Aprendemos a plantar uma árvore  
Aprendemos a achar o infinito...

Aprendemos a contagiar corações  
Aprendemos a atender as necessidades  
Aprendemos a aproveitar nosso tempo  
Aprendemos a pregar a verdade...

Aprendemos a semear a paz  
Aprendemos a espalhar o amor  
Aprendemos a (nos) sentir natureza  
Aprendemos a iluminar o interior...

Aprendemos a extravazar sentimentos  
Aprendemos a cantar no chuveiro  
Aprendemos a ultrapassar as barreiras  
Aprendemos a agradecer ao companheiro...

Aprendemos a desejar com confiança  
Aprendemos a oferecer nosso perdão  
Aprendemos a acreditar com otimismo  
Aprendemos a celebrar com devoção...

Aprendemos a cultivar ética  
Aprendemos a colher mudanças  
Aprendemos o sagrado da Terra  
Aprendemos a cuidar das crianças...

Aprendamos a ajudar o irmão  
Aprendamos a abraçar o amigo  
Aprendamos a dizer “Eu te amo”  
Aprendamos a beijar o inimigo...

Aprendamos a sentir o vento  
Aprendamos a mergulhar no mar  
Aprendamos a rolar na areia  
Aprendamos a meditar...

Aprendamos a relaxar com a alma  
Aprendamos a soltar energia contida  
Aprendamos a ser bem felizes  
Aprendamos a viver a divina VIDA...



*“Viver e não ter vergonha de ser feliz...  
Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno APRENDIZ”*  
(Gonzaguinha)

*“Dizem que sou louco... por pensar assim...  
Mais louco é quem me diz... que não é Feliz...  
Eu sou Feliz...”*  
(Os Mutantes)

FIM

## Estopins de reflexão

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos e saberes da tradição.** São Paulo: Livraria da Física, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ciências da complexidade e Educação:** razão apaixonada e politização do pensamento. Natal: EDUFRN, 2012.

\_\_\_\_\_. Pensamento do Sul como reserva antropológica. In: **Para um pensamento do Sul:** diálogos com Edgar Morin. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/ANALIS-para-um-Pensamento-do-Sul-Marco2011.pdf>. Acesso em: 15/06/12.

Anotações pessoais em diários de viagens.

BOFF, Leonardo. **Ecologia:** grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum.** São Paulo: Global, 2008.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

COPIBE (Comissão dos Professores Indígenas de Pernambuco). **Caderno do Tempo.** 2 ed. Belo Horizonte, 2006.

\_\_\_\_\_. **Meu povo conta.** 2 ed. Belo Horizonte, 2006.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?:** e outras interinvenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação para uma sociedade em transição.** 2 ed. Natal: EDUFRN, 2011.

\_\_\_\_\_. **Transdisciplinaridade.** São Paulo: Palas Athena, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos.** São Paulo: Leya, 2011.

LÉO NETO, N.A. “**Na lição da abeia-mestra**” : análise do complexo simbólico e ritualístico do mel e das abelhas sem-ferrão entre os índios Atikum. [Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais]. Universidade Federal de Campina Grande. 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem.** 2 ed. São Paulo: Cia Editoria Nacional, 1976.

\_\_\_\_\_. **Tristes Trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes:** complexidade, transdisciplinaridade e educação. São Paulo: Antakarana/WHH, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a forma, reformar o pensamento. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Para um pensamento do Sul:** diálogos com Edgar Morin. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/ANALIS-para-um-Pensamento-do-Sul-Marco2011.pdf>. Acesso em: 15/06/12.

\_\_\_\_\_. **Rumo ao abismo?:** ensaios sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses:** conversa sobre a origem da cultura brasileira. 2 ed. São Paulo: Global, 2009.

- PESSOA, Fernando. **Poemas de Alberto Caeiro**: obra poética II. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, Razão e Paixão**. 2 ed. São Paulo: Livraria da Física, 2009.
- Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2000.
- SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.
- SNOW, Charles. **As duas culturas e uma segunda leitura**. São Paulo: Editora da USP, 1995.
- SILVA, Francisco Lucas da. **A natureza me disse**. Natal: Flecha do tempo, 2007.

### **Fontes especiais**

Beiram (52 anos, conhecedor da mata, de ervas, de remédios, morador do bairro de Dois Irmãos, Recife, PE)

Dona Ana (idade desconhecida, Anciã, Ex-cacique do Povo Atikum)

Dona Belmira (idade desconhecida, dona de casa, cuidadora de animais e plantas, moradora da Comunidade São Luis, Rodeio Bonito, RS)

Dona Esmeraldina (Idade desconhecida, marisqueira, conhecedor da mata, de ervas, curandeira, moradora de Abreulândia, Fortaleza, Ceará)

Dona Maria (idade desconhecida, preta velha, senhora de muita fé, mãe do Cacique Manelzinho, moradora da comunidade do Sagi, RN)

Família Atikum

Gabriel (9 anos, Curumim Atikum)

João (idade desconhecida, rapaz de bom coração e solidário)

Luiz Catu (idade desconhecida, indígena Potiguara, professor, morador da Comunidade dos Eleutérios do Catu, RN)

Manelzinho (idade desconhecida, agricultor, pescador, Cacique Potiguara, morador da comunidade do Sagi, RN)

Maurinho (idade desconhecida, guia turístico do Parque Nacional Chapada dos Veadeiros, Goiás)

Neta de seu Valdemar (9 anos, moradora da Comunidade de Gereberaba, Fortaleza, Ceará)

Pará (25 anos, Ecólogo, permacultor, morador do Distrito de Tabuleiro, Conceição do Mato Dentro, Minas Gerais)

Seu Armando (82 anos, aposentado, preto velho, morador de Cruz das Almas, Recôncavo Baiano)

Seu Augusto (53 anos, pajé Atikum)

Seu Gracia (54 anos, Indígena Atikum)

Seu Neidon (62 anos, agricultor, morador da Comunidade São Luis, Rodeio Bonito, RS)

Seu Valdemar (Idade desconhecida, agricultor, morador da Comunidade de Gereberaba, Fortaleza, Ceará)

Seu Nascimento (Idade desconhecida, primeiro indígena reconhecido no RN, Potiguara, morador da Comunidade dos Eleutérios do Catu, RN)